

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**IMAGENS E IMAGINÁRIO DA LIBERTINAGEM E DA
VIOLÊNCIA EM SADE E A QUESTÃO EDUCATIVA**

TAITSON ALBERTO LEAL DOS SANTOS

**PIRACICABA - SP
2013**

IMAGENS E IMAGINÁRIO DA LIBERTINAGEM E DA VIOLÊNCIA EM SADE E A QUESTÃO EDUCATIVA

TAITSON ALBERTO LEAL DOS SANTOS

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**PIRACICABA - SP
2013**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luzia B. de Oliveira Silva (UNIMEP)

Prof. Dr. João José Rodrigues Lima de Almeida (UNICAMP)

Prof. Dr. Pedro Bordini Faleiros (UNIMEP)

Prof^a Dr^a Andrea Cristina Martelli (UNIOESTE – PR)

Prof. Dr. Edivaldo José Bortoleto (UNOCHAPECÓ/UNIMEP)

AGRADECIMENTOS

Nesta trajetória tive a oportunidade de contar com o apoio e a dedicação de algumas pessoas, as quais expresso os meus mais profundos e sinceros agradecimentos.

Ao meu pai, Helton Regino dos Santos, a minha mãe, Sandra Mara Leal dos Santos e a minha irmã Taíse Regina Leal dos Santos por serem TUDO em minha vida.

A amiga e companheira de curso Thais Gonsales Soares, por todo apoio e companheirismo.

A Renata Luigia Cresto Garcia, amiga de *dissidência*, cujos sentimentos de amizade, carinho e afeto transcendem este e todos os mundos imagináveis e, sem a qual, ousar dizer, este trajeto teria um outro desfecho.

A estimada Prof^a. Dr^a. Luzia Batista de Oliveira Silva, pela acolhida do projeto, pelas sugestões, comentários e críticas tão pertinentes e que me ensinou o verdadeiro papel de um orientador. Que traz o equilíbrio necessário ao papel de educador, dosando em justa medida exigência e afeto.

A todos os mencionados compartilho meus ternos sentimentos de afeição por terem minimizado a solidão da labuta acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho é resultado do estudo e da reflexão da obra do filósofo e literato setecentista, Marquês de Sade, em que delineiam-se algumas categorias fundamentais (imaginário, imaginário da violência, estética da violência, natureza, alcova, libertinagem, preceptores imorais e mestres do imoralismo), que convergem e contribuem para a compreensão daquilo que se pode denominar de constelação de imagens que caracterizam a violência e a libertinagem, na literatura filosófica do autor. Fez-se uma análise do imaginário sadiano, destacando-se as categorias que são recorrentes e fundamentais para que se possa compreender o próprio autor, tomando como referencial Gaston Bachelard. A pesquisa se pautou numa coleta de dados bibliográficos, análise, reflexão e interpretação de literatura primária e secundária no que tange ao imaginário da violência sadiana. Quanto aos objetivos, os mesmos se pautam numa reflexão a respeito de sua contribuição filosófica e literária para que se pensem embates e desatinos estéticos, os valores negativos que se constelam sobre a ideia de uma pedagogia libertina, ainda que inviável; as ideias que podem alcançar ou distanciar os indivíduos de uma educação libertária nos moldes de uma educação emancipadora, como as que trabalham para a conquista e construção da autonomia dos sujeitos implicados no processo educativo. Objetivou-se também investigar quais as imagens, ideias e ideologias que Sade aponta ou rechaça, as quais, sem dúvida deixam a descoberto as feridas, as fragilidades, as fraquezas e as mazelas da sociedade do período setecentista e que certamente nos levam a pensar a educação na atualidade. Sade transforma a essência do vivido em matéria textual, garantindo liberdade aos excessos de sua imaginação e realizando na literatura as mais estranhas exigências que o atormentavam.

Palavras-chave: Marquês de Sade, Imaginário, Imaginário da violência, Literatura libertina, Natureza, Educação, Estética.

ABSTRACT

This work is the result of reflection and study of the work of eighteenth-century philosopher and litterateur, Marquis of Sade, which are outlined in some key categories (imaginary, imaginary violence, aesthetics of violence, nature, alcove, licentiousness, immoral and preceptors immoralism masters), which converge and contribute to the understanding of what can be termed constellation of images featuring violence and debauchery, in the philosophical literature of the author. There was an analysis of the imaginary Sade, highlighting the categories that are recurring and fundamental so that one can understand the author himself, taking as reference Gaston Bachelard. The research was based on a bibliographical data collection, analysis, reflection and interpretation of primary and secondary literature regarding the imagery of violence sadiana. As for goals, they are guided in a reflection on his contribution to literary and philosophical thinking that clashes and aesthetic blunders, negative values that constellated about the idea of a pedagogy libertine, though impracticable; ideas that can achieve individuals or distance education a libertarian in the mold of emancipatory education, such as those working for the conquest and construction of the autonomy of individuals involved in the educational process. We also investigate which images, ideas and ideologies that Sade points or rejects, which undoubtedly leave uncovered wounds, the weaknesses, the weaknesses and ills of society and the eighteenth-century period that certainly lead us to think education today. Sade transforms the essence of living in textual matter, granting freedom to the excesses of his imagination in literature and performing the strangest demands that tormented him.

Keys-words: Marquis of Sade, Imaginary, Imaginary violence, Wanton literature, Nature, Education, Aesthetics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I – SADE: LUZES E SOMBRAS	9
1.1. antecedentes e vestígios da libertinagem	9
1.2. Sade - o libertino esquecido / revisitado.....	15
CAPÍTULO II - O IMAGINÁRIO DA LIBERTINAGEM E DA VIOLÊNCIA EM SADE.....	26
2.1. O Imaginário.....	26
2.2. O imaginário da violência.....	33
CAPÍTULO III - ALGUMAS CATEGORIAS-CHAVE NA OBRA DE SADE	41
3.1. A viagem	41
3.2. O banquete – cerimonial dos excessos.....	42
3.3. O dinheiro.....	44
3.4. A Natureza.....	46
CAPÍTULO IV – OS (DES) PROPÓSITOS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTINA	52
4.1. Luzes na alcova	52
4.2. Sob os espelhos	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
NOTA CRONOLÓGICA E BIOGRÁFICA: Sade.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
Obras de Sade	71
Outras obras.....	71

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da pesquisa de Mestrado, tendo como objeto de estudo a obra do filósofo francês setecentista, Donatien Alphonse François Sade; especialmente, as obras *A filosofia na alcova* e *Os 120 dias de Sodoma ou A escola de libertinagem*, dentre outras circunstancialmente evocadas. Inicialmente, delineiam-se as categorias fundamentais (imaginário, imaginário da violência, estética da violência, natureza, alcova, libertinagem, preceptores imorais ou mestres do imoralismo), as quais convergem e contribuem para a compreensão daquilo que se pode denominar de constelação de imagens que caracterizam a violência e a libertinagem, na literatura filosófica do autor. Faz-se uma análise do imaginário sadiano, destacando-se nessas categorias aquelas que são recorrentes e fundamentais para que se possa compreender o próprio autor.

A filosofia na alcova foi publicada de forma clandestina e falsamente póstuma em 1795. Nessa obra, Sade lança parte de suas ideias filosóficas. Na segunda obra, *Os 120 dias de Sodoma*, escrita na Bastilha entre outubro e novembro de 1785, e perdida, durante imprevista remoção do autor para outro cárcere, fato que em anos posteriores afirmaria verter-lhe lágrimas de sangue. É nesta magna obra¹ que se encontram uma gama imensa de imagens da violência e do gozo levadas aos extremos, em que o autor traz uma caracterização ampliada de todas as possibilidades de libertinagem que articulam dimensões humanas, animais, individuais, morais, éticas, econômicas, sociais e políticas. Oferece-nos um catálogo das devassadas paixões humanas, conduz-nos a imagens de licenciosidade, paragens inimagináveis para um leitor comum, leigo ou erudito.

O estudo se pautou numa coleta de dados bibliográficos, análise, reflexão e interpretação de literatura primária e secundária no que tange ao imaginário da violência sadiana. A leitura e análise de produções de comentadores do autor também foram de interesse dessa pesquisa, dado que, contribuíram para a

¹ O adjetivo aqui ora empregado deve-se à sua extensão e também ao “catálogo” que cria das paixões criminosas do homem.

compreensão das categorias e elaboração de raciocínio crítico para confecção do texto final dessa dissertação de mestrado.

O **objeto** deste estudo foi a obra do Marquês de Sade, especialmente aquilo que podemos compreender como sendo uma proposta de uma educação libertina professada pelo autor.

O **objetivo** da pesquisa foi compreender na obra filosófica do literato Marquês de Sade, quais os elementos filosóficos e literários que embasam sua concepção de libertinagem e quais elementos respaldam sua proposta de uma educação libertina, ainda que inviável.

Os **objetivos específicos** se pautam numa reflexão a respeito de sua contribuição filosófica e literária para que se pensem embates e desatinos estéticos, os valores negativos que se constelam sobre a ideia de uma pedagogia libertina, os valores que servirão de rechaço e perseguição às suas personagens; as ideias que podem alcançar ou distanciar os indivíduos de uma educação libertária nos moldes de uma educação emancipadora, como as que trabalham para a conquista e construção da autonomia dos sujeitos implicados no processo educativo. Objetiva-se também investigar quais as ideias e ideologias que Sade aponta ou rechaça, as quais, sem dúvida deixam a descoberto as feridas, as fragilidades, as fraquezas e as mazelas da sociedade do período e certamente nos levam a pensar a educação na atualidade.

Mas, para entender a atualidade, compreende-se quão relevante se faz apontar na filosofia de Sade, o cenário literário libertino em que o autor desenvolve seus escritos, bem como as possíveis relações e correlações entre o ideal iluminista, aquele que apregoa a autonomia da razão, e a violência presente no imaginário sadiano. Se faz, também, necessário delinear outras categorias a fim de elucidar o discurso valorativo defendido por seus preceptores libertinos, em oposição aos valores tradicionais, vigentes no cenário do século XVIII.

Como fundamento teórico pretende-se também explorar algumas contribuições de renomados pesquisadores a respeito de algumas categorias, quais sejam, a viagem, o dinheiro, o *boudoir*² e a natureza, especialmente quando se exploram alguns instrumentos pedagógicos e, entre eles, o prazer, usado

² *Boudoir* é uma palavra francesa pouco conhecida, na tradução para o português adotou-se a palavra sinônima, alcova, que tem uma acepção próxima a porão, cela, esconderijo subterrâneo.

como um instrumento do libertino, aquele que tem um *telos*, i.é., uma finalidade, um fim último, pois o libertino espera atingir o máximo de realização valendo-se do **outro** como **objeto** e **meio** para atingir o que deseja; situação que nos leva a pensar as matrizes de uma **estética libertina**, uma estética do absurdo como revide social e político em detrimento de uma educação estética e ética nos moldes tradicionais.

Com tais parâmetros direcionando a pesquisa, investigamos a partir dos seguintes **problemas**: Como se pode ilustrar a questão educativa libertina sadiana e analisar os argumentos traçados pelo autor no intuito de melhor compreendê-la, além de averiguar sua *pedagogia* sob a ótica iluminista? Por que Sade, este nobre francês, que atuou ativamente na Revolução Francesa, ilustra sua pedagogia libertina de forma aparentemente tão contrária aos ideais iluministas? Por que a proposta de uma educação voltada para os desvios de conduta dos indivíduos tendo como fim último o prazer?

Ressalte-se que o estudo atento das fontes literárias, marcadamente as libertinas setecentistas, da literatura filosófica do Marquês e demais estudiosos de sua obra, é de fundamental importância para a realização desta investigação.

As obras de comentadores recentes acerca da obra do Marquês e dos demais libertinos presentes no século XVIII e autores que se debruçam sobre ela para examinar o Imaginário e a Violência, servem de embasamento teórico e também material compreensivo, a fim de identificar a relevância do pensamento libertino no cenário atual, no qual também as libertinagens são alimentadas pelo mundo capitalista, como uma mercadoria/produto a ser explorado e se possível veiculado, comercializado.

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. O **primeiro capítulo** foi elaborado no sentido de situar o autor em seu contexto histórico/literário, pois entendemos ser relevante abordar a obra sadiana tendo em vista as relações entre vida e obra - resgatando e contextualizando o cenário filosófico e libertino entre os séculos XVI e XVIII.

Donatien-Alphonse-François, o Marquês de Sade, nasceu em meio à tribulada monarquia absolutista instaurada por Luís XIV. Ainda hoje esse autor – esquecido por todo o século XIX – é objeto de críticas oriundas de todos os campos do conhecimento. Críticas especulativas acerca da qualidade de sua

obra, sobre sua alcunha de filósofo, seu terror erótico/libertino, dentre outras. Perseguido por toda sua vida, condenado à morte “en effigie” (simbolicamente) e sua obra, à fogueira, Sade passou grande parte de sua vida nas prisões e sanatórios durante o Antigo Regime e mesmo após a Revolução, somando-se cerca de trinta anos dos setenta e quatro que viveu. Toda sua obra é uma tentativa de levar seus leitores à liberdade, através do estímulo ao egoísmo e ao prazer absolutos, revelando a sociedade como princípio destrutivo, insurgindo-se contra a falsa pregação ideológica acerca da harmonia entre sociedade e indivíduo e instaurando o sujeito não como *dominador da natureza* – tal como pregavam os iluministas esclarecidos -, mas como inerente à mesma. Prossequindo em nossa investigação, pontuamos os antecedentes e vestígios da libertinagem no intuito de, ainda que de forma breve, resgatar sua história demarcando ao menos dois tipos de libertinagem: a *libertinagem do espírito* e a *libertinagem de costumes*. Na primeira tipologia encontramos os *philosophes*, nos quais se enquadram os epítetos libertino e panfletista, com nomes como os de Voltaire, Piron, Diderot e d’Holbach. Na segunda, localizam-se os libertinos que direcionarão sua ofensiva de modo enérgico aos costumes vigentes, valendo-se da escrita licenciosa, a que as imagens do prazer dizem atingir um clímax.

O **segundo capítulo** foi elaborado a partir do material que serviu de referencial teórico para nortear o objeto e objetivo deste estudo, delineando o conceito de *imaginário*, a partir de Gaston Bachelard, e analisando o *imaginário da violência* em Sade. Inicialmente, como pressuposto teórico, propomos uma análise e conceituação acerca do *imaginário*, compreendendo ser esta uma importante categoria na busca de compreensão do universo ficcional e filosófico de Sade, levando-nos a uma maior clareza de suas ideias transgressoras, bem como das críticas elaboradas e defendidas pelo autor direcionando-as aos valores vigentes no contexto iluminista da pré-Revolução e da pós-Revolução.

No **terceiro capítulo** analisam-se algumas categorias - tais como a viagem, o banquete, o dinheiro, e a natureza - fundamentais para a compreensão do imaginário sadiano, para a formação, e instrução, do libertino e demais imagens da libertinagem.

No **quarto capítulo** adentramos o espaço alcoviteiro, aprofundando nossa análise na obra *A filosofia na alcova*, em que o autor tece significativas

ponderações quanto à questão educativa e na qual encontramos as dissertações filosóficas, conduzidas pelos preceptores imorais de uma jovem virtuosa, revelando um ceticismo por parte de Sade quanto à educação pública.

Em sua “Apresentação” a *Sade: a felicidade libertina*, ensaio de Eliane Robert Moraes, Renato Janine Ribeiro afirma: “Estudando uma obra complexa como a de Sade, o especialista pode ver-se tentado a encontrar seu sentido, sua coerência” (1994, p. 11). Não é esta nossa intenção. Não buscamos sistematizar a vasta produção de Sade, mesmo porque, “a desordem é, nele, importante” (RIBEIRO, 1994, p. 11). Visamos, isso sim, dialogar com o Marquês, bem como com os demais comentadores de sua obra, no intuito de uma maior compreensão da mesma, sob um ponto de vista estético, tomando como pressuposto e referência metodológica o imaginário; e, conforme Moraes (1994), tendo clareza de estarmos contíguos aos estudos contemporâneos que, não obstante o que já foi realizado, persiste na continuidade em se propor interpretações e leituras acerca do pensamento sadiano.

CAPÍTULO I – SADE: LUZES E SOMBRAS

1.1. ANTECEDENTES E VESTÍGIOS DA LIBERTINAGEM

Ao nos propormos analisar a literatura libertina, essencialmente, aquela produzida pelo Marquês de Sade, no contexto setecentista, consideramos como premissa que a mesma é um fenômeno típico do século XVIII, entretanto, encontram-se vestígios do termo *libertino* desde meados do século XVI, já com nuances de subversão.

Entre os séculos XVI e XVII, os denominados autores libertinos têm como principal característica o fato de serem livres-pensadores, tecendo francas críticas à religião, à política e aos valores morais, isentos de dogmas e de preceitos vigentes. O que deveria, portanto, orientar este livre-pensar seria a razão, excetuada de toda forma ideológica ou autoritária.

Eliane Robert Moraes, em seu breve, porém elucidativo ensaio acerca dos antecedentes da libertinagem, afirma:

Suas primeiras manifestações coincidem com o surgimento, em vários pontos da Europa, de novas correntes culturais e políticas que vêm ameaçar a hegemonia da história sacra tradicional. Desafiando a ortodoxia “barroca” e criando modelos alternativos que impregnam a cultura popular da época, esses movimentos de resistência propõem a retomada de alguns ideais “renascentistas”, fazendo circular subterraneamente os valores da pólis italiana sob nova roupagem. Alguns grupos voltam-se, com especial interesse, para o laicismo pagão de Maquiavel e Guicciardino, enquanto outros veem na irônica moral dos personagens de Boccaccio um convite à insubmissão. Os mais radicais representantes dessas correntes serão chamados rebeldes ou libertinos (1992, p. 14).

Para essa autora, buscou-se, em diversos momentos, compreender essa literatura libertina sob o prisma moralista do contexto histórico em que se vivia, ou seja, ela como que refletiria o desregramento dos costumes. Mas tal tentativa de interpretação traz consigo algumas questões discordantes, uma vez que esse “libertinismo de costumes” é um fenômeno encontrado recorrentemente na história (Cf. MONZANI, 1996). À guisa de ilustração, poderíamos citar Petrônio na Roma imperial ou mesmo Boccaccio no Renascimento. Mas em nenhum desses

casos poder-se-ia falar na formação de uma corrente literária, pois encontraríamos nos mesmos, tão somente, algumas das nuances percebidas nas obras dos primeiros libertinos, cuja tese essencial é a de que o prazer (carnal, físico e, especialmente, o sexual) é a fonte e a via da felicidade. As estratégias desses autores libertinos consistiam em lançar suas críticas apontando contradições internas ou recorrendo a comparações relativistas valendo-se do argumento da naturalidade de nossos desejos e aspirações. Suas técnicas são uma mescla de demonstrações e descrições “que se alternam com o intuito de atingir os fins propostos. Daí também a razão desses textos frequentemente tomarem a forma de narrativas iniciáticas e pedagógicas³” (MONZANI, 1996, p. 194).

Entretanto, não faz parte de nosso intento, nesse esboço, traçar de forma profunda e genealógica todas as obras e autores pertencentes aos primórdios da libertinagem, mesmo porque a classificação de “libertino” é excessivamente ampla e diversificada, englobando tanto escritores, quanto filósofos ou historiadores do período:

Além disso, há que se ter o cuidado de não homogeneizar as diversas correntes em jogo, que mantêm, em seu interior, uma série de diferenças e até mesmo de concepções conflitantes. Contudo, pode-se indicar, a partir dessas leituras, alguns traços fundamentais do pensamento libertino, desde os primórdios (MORAES, 1992, p. 16-17).

Isso posto, temos, pois, como objetivo, delinear e pontuar alguns de seus vestígios nos séculos precedentes às obras de Sade, apologeta do deboche e da violência, conforme veremos mais adiante.

Inicialmente os libertinos do século XVI, conforme descrito anteriormente, são distinguidos inicialmente por sua crítica livre e contumaz à religião, considerados mesmo inimigos dela, tendo o materialismo fundamentando sua oposição.

Os libertinos, enquanto grupo religioso⁴ coerente que nega radicalmente todas as regras de jogo da sociedade existente, desaparecem da

³ “Por exemplo, *A educação de Laura*, de Mirabeau; *Teresa filósofa*, do marquês d’Argens; *Filosofia na Alcova*, de Sade”, nota de Luiz Roberto MONZANI, 1996, p.216.

⁴ “Peter Nagy refere-se aqui a movimentos heréticos do século XVI, como o dos anabatistas de Flandres, combatidos como *libertinos* por católicos e protestantes, tanto pela ‘livre crítica espiritual’

sociedade e da consciência durante o século XVI; mas com o século XVII aparece a tendência e depois o círculo dos libertinos eruditos que – por seu ceticismo, por sua busca de uma moral leiga e por seu tateante materialismo – se tornariam os precursores dos filósofos do século XVIII. (...) É evidente que a libertinagem do início do século XVI foi um dos fermentos daquilo que estava na ordem do dia da história: o absolutismo. E o absolutismo triunfante logo busca livrar-se dele. É igualmente evidente que o movimento ideológico que forjou as armas intelectuais da abolição do absolutismo não poderia ser idêntico – longe disso – a um dos movimentos criadores desse mesmo absolutismo. Todavia, o laço de parentesco não pode ser negado: não somente porque a transformação do ceticismo em racionalismo crítico é indubitável (e por si mesmo basta, aliás, para justificar a filiação), mas porque é corroborado pelo fato de que um mesmo princípio os anima: a negação da ordem estabelecida e dos valores aceitos, para instaurar novos valores. Retrospectivamente, podemos acrescentar que, por um trabalho de demolição e de descoberta, cada um serviu à sua maneira e em sua época para o progresso da história, que era a expressão intelectual de uma classe, de um movimento ascendente (Peter Nagy *apud* PRADO JR., 1996, p. 51-52).

Compreende-se, portanto, o quão essencial torna-se o resgate desses cerca de dois séculos de espírito libertino no que tange à compreensão de todo o contexto iluminista que culmina - ou que tem seu ápice - com a Revolução Francesa.

Mas, torna-se importante salientar que a literatura libertina dos séculos XVI e XVII ainda não se consolidaria como um gênero literário bem definido. Conforme Robert Darnton (1996):

Ao invés disso, pertencia a uma categoria geral, conhecida como “filosófica”. Editores e livreiros setecentistas usavam a expressão “livros filosóficos” para designar sua mercadoria ilegal, fosse ela irreligiosa, sediciosa ou obscena. Não se importavam com distinções mais refinadas, já que a maioria dos livros proibidos eram ofensivos por várias vias. No jargão desse comércio, *libre* significava às vezes “lascivo”, mas evocava também o libertinismo do século XVII – isto é, o livre pensamento. Por volta de 1750, o libertinismo dizia respeito tanto ao corpo quanto ao espírito, à pornografia e à filosofia. Os leitores sabiam reconhecer um livro de sexo quando viam um, mas esperavam que o sexo servisse como veículo para ataques à igreja, à Coroa e a toda espécie de abuso social (DARNTON, 1996, p. 24-25).

quanto pelo *dévergondage sexuel* [promiscuidade sexual]. Uma bela descrição romanesca desse movimento pode ser encontrada em *A obra em negro*, de Marguerite Yourcenar. Movimento semelhante, na Idade Média, entre os franciscanos, é descrito no romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco, que tematiza a libertinagem dos *fraticelli*”. Nota de Bento PRADO JR. (1996, p. 57).

Sobre a questão etimológica, podemos ainda resgatar outras denominações bastante elucidativas, recorrendo novamente a Eliane Robert Moraes (1992):

Nos séculos XVI e XVII a palavra *roué*, significando ao mesmo tempo devasso e supliciado, está ligada ao suplício da roda, castigo infligido a muitos e estendido aos rebeldes descrentes. Porém, se nos primórdios da libertinagem o termo carregava consigo a condenação a punições rigorosas, depois de 1715, com a Regência, os libertinos passam a ser assim designados apenas simbolicamente: “dignos do suplício da roda da libertinagem”. O dicionário *Littre* aponta os significados históricos da palavra *libertin* de forma cronológica, iniciando pela versão ultrapassada, típica do século XVI (“aquele que não se sujeita nem às crenças nem às práticas da religião”), até chegar ao sentido moderno, que data do XVIII, já referindo-se à moral e à sexualidade: “desregrado no que diz à moralidade entre os dois sexos” (p. 18-19).

Há ainda uma referência, de origem latina, na qual o termo *libertino* passa a ser usualmente empregado após um período de intolerância em meio aos conflitos entre católicos e protestantes. Cito:

Proveniente do latim *libertinus*, “liberto”, que o direito romano opõe ao homem nascido livre, o termo aparece pela primeira vez em francês sob a pena de Calvino para designar os dissidentes oriundos das seitas protestantes no Norte da França. Ele lhes censura por considerarem as religiões reveladas como imposturas humanas, afirmarem que a única moral é a natureza, e interpretarem a seu bel-prazer a palavra sagrada. Não contentes em blasfemar desse modo, praticam ainda uma escandalosa liberdade de costumes baseada na negação do pecado e completam esse anarquismo moral com o apelo à comunhão dos bens. São portanto libertinos ao mesmo tempo no plano intelectual e no plano dos costumes⁵ (TROUSSON, 1996, p. 165).

Se, inicialmente, os libertinos do século XVI caracterizavam-se por serem avessos aos dogmas religiosos e à autoridade política, posteriormente direcionam sua crítica, de forma mais aguerrida, à moral; não que a religião tenha deixado de ser alvo deles, mas há que se ter em mente uma radicalização de postura dos devassos, uma vez que o ateísmo, histórica e conceitualmente, somente pode ser

⁵ Segundo Eliane Robert Moraes (1992), no século XVIII já haviam demarcados, claramente, dois gêneros de libertinagem: de um lado, aA de “espírito”, da qual participariam desde filósofos, literatos e panfletistas divulgadores de ideias, em que encontramos nomes como os de Laclous, Molière, Mirabeau, Voltaire, Rousseau, Diderot, D’Holbach e La Metrie; de outro, havia a chamada libertinagem de “costumes”, caracterizada pelo desafio à moral e à religião e pela violência, sobretudo a sexual, com o nome do príncipe Philippe d’Orleans figurando na lista de depravados licenciosos, além do duque de Charolais (modelo inspirador de alguns personagens sadianos, inclusive o próprio preceptor imoral de *A filosofia na alcova*, Dolmancé), o marquês d’Argens (autor de *Teresa filósofa*), Crébillon Fils, Restiff de La Bretonne (ver nota 7) e o próprio Sade.

concebido a partir do século XVIII (Cf. Moraes, 1992). E tal concepção está imanentemente ligada à libertinagem: “Essa passagem – da descrença difusa da libertinagem de um século ao ateísmo radical com que ela se apresenta no outro – se constituirá como condição essencial para o aparecimento de um pensador como Sade” (MORAES, 1992, p. 20).

Conforme vimos, a literatura libertina e, por sua vez, sua filosofia imanente, é compreendida como um fenômeno característico do século XVIII, há em tal fenômeno um “efeito corruptor [que] une filosofia das Luzes e literatura pornográfica⁶, uma mesma arma serve a seus fins: a sedução” (GOULEMOT, 2000, p. 27). Uma de suas principais particularidades é seu caráter eminentemente de contraste, ou seja, como exceção ao discurso dos demais gêneros literários, principalmente o romance sentimental, muito em voga no período, e um tipo de romance erótico, de amável licenciosidade, que será alvo de inflamadas críticas de Sade, conforme se lê em carta endereçada à Senhora de Sade, em 1783:

Não seria possível, *imagem da divindade*, trocar todos esses números e todos esses grandes tratados por bons livros? Pelo amor de Deus, não compre nada do Sr. Rétif!⁷ É um autor de Pont-Neuf e da Biblioteca azul, do qual acho incrível tu teres imaginado enviar-me qualquer coisa. Portanto, tu me enviarás, por favor, outros romances novos e melhores (SADE, 2009, p. 111).

A partir de suas palavras, percebe-se que Sade se inclui num gênero de romance libertino distinto do de outros autores, também lidos com volúpia na França pré e pós-revolucionária.

⁶ Aqui o autor emprega “como sinônimos as palavras pornográfico, licencioso e erótico” (GOULEMOT, 2000, p. 29).

⁷ Referência a Restif de La Bretonne (1734-1806). Havia entre Sade e Restif uma declarada antipatia, como se pode perceber no trecho da carta. Restif, que mantinha o mesmo sentimento, escreveu *Anti-Justine ou as delícias do amor* como réplica ao romance sadiano intitulado *Justine ou os infortúnios da virtude*. Restif traz a ideia de um romance em que a licenciosidade tem caráter amável, em oposição à crueldade amorosa de Sade. No Prefácio de seu romance de 1798, adverte: “Ninguém se indignou mais do que com as obras sujas do infame Dsds, ou seja, *Justine*, *Aline*, *Le Boudoir* e *A teoria da libertinagem*, que li na prisão. O celerado só apresenta as delícias do amor para os homens acompanhadas de tormentos e da própria morte para as mulheres. Meu objetivo é fazer um livro mais saboroso que os seus (...). Ao lê-lo todos irão adorar as mulheres e irão mimá-las metendo em suas conas. Mas todos abominarão ainda mais o vivisseccionista, o mesmo que foi tirado da Bastilha com uma longa barba branca a 14 de julho de 1789. Que a obra encantadora que publico possa derrubar as suas!” (La Bretonne, 1991, p. 17).

Em *Nota sobre os romances*, ensaio que antecede as novelas agrupadas em *Os crimes do amor* (1991), Sade traça um panorama histórico, bem como analítico, do *romance* como obra de ficção, e apresenta tais novelas como sendo absolutamente novas, em oposição a tudo o que vinha se produzindo, e em que a imaginação dos autores parecia esgotada. Coloca-se, não obstante, como um romancista – e também leitor - que conhece o coração do homem e também a natureza:

Não percas de vista que o romancista é o homem da natureza; ela o criou para ser seu pintor; se ele não se torna o amante da mãe tão logo essa o põe no mundo, ele nunca escreverá e não o leremos, mas se ele prova aquela sede ardente de tudo pintar, se com frêmito abre o seio da natureza, onde vai buscar sua arte e extrair modelos, se tem a febre do talento e o entusiasmo do gênio, então que ele siga a mão que o conduz, adivinhe o homem e pinte-o. Dominado por sua imaginação, que ele ceda e embeleze o que vê; o tolo colhe uma rosa e a desfolha, o homem de gênio a aspira e pinta: é esse que leremos (Sade, 1991, p. 35).

É nessa categoria literária que se conclama que Sade vai se enquadrar. Ainda que tais novelas reunidas n' *Os crimes do amor* não tenham os tons de violência que encontramos nos romances sadianos anteriores, percebe-se que o amor estará sempre ligado ao vício, conforme Eliane Robert Moraes:

Atento ao imaginário de sua época, o marquês escreve (...) essas novelas já no final do século XVIII, e que, não obstante elas estejam estruturadas segunda as traduções do gênero, há também uma profunda sintonia entre elas e a atmosfera sombria do *roman noir*, prenunciando a sensibilidade romântica. Nesse momento, o trágico se desdobra no horrendo, no terrível, e a 'febre gótica' que contamina os escritores da época faz surgirem os cenários sinistros, onde são encenados cruéis combates entre vício e virtude (1991, p. 12).

Se, n' *Os crimes do amor*, percebemos um Sade que mascara os vícios por meio dos estratagemas do amor, revelando um discurso ameno, bastante condizente com a decência promulgada pelo período, não encontraremos isso em *A filosofia na alcova* e em *Os 120 dias de Sodoma*, a primeira, publicada de forma falsamente póstuma e a segunda nunca publicada em vida. Na dedicatória de *A filosofia na alcova*, lemos:

Voluptuosos de todas as idades e de todos os sexos, a vós somente ofereço esta obra; nutri-vos de seus princípios, eles favorecem vossas paixões; e essas paixões, com que estúpidos e frios moralistas tentam

vos horrorizar, são apenas os meios que a natureza emprega para fazer o homem atingir as metas que traçou para ele. Não ouvi senão essas paixões deliciosas: sua voz é a única que pode vos conduzir à felicidade. (...) E vós, amáveis devassos, que desde a juventude, não tendes outros freios que vossos desejos e outras leis que vossos caprichos, que o cínico Dolmancé vos sirva de exemplo; ide tão longe quanto ele, se, como ele, desejardes trilhar os caminhos de flores que a lubricidade vos prepara. (SADE, 1999, p. 11).

Ou, ainda, na introdução de *Os 120 dias de Sodoma*:

Agora, amigo leitor, prepara teu coração e teu espírito para o relato mais impuro já feito desde que o mundo existe, pois não há livro semelhante nem entre os antigos nem entre os modernos. Imagina que todo gozo honesto ou prescrito por esse animal de que não paras de falar sem conhecê-lo e a quem chamas de natureza, todos esses gozos, eu dizia, serão expressamente excluídos desta coletânea e quando, porventura, os encontrardes, estarão sempre acompanhados de algum crime ou coloridos de alguma infâmia (SADE, 2011, p. 62).

Aqui vemos, portanto, o autor maldito, aquele que teve seu nome associado à patologia sexual denominada “sadismo” e que tem como principal característica o discurso libertino que associa o erotismo à virulenta crueldade.

Reconhecendo, contudo, que a filosofia das Luzes e espírito libertino são mais ou menos cúmplices desde a origem, de um século a outro uma inversão parece ocorrer entre essas duas figuras da cultura. (...) Os romances do século XVIII, de Crébillon Fils a Sade, passando por mil outros autores, mostram que a libertinagem, entendida cruamente como orgia e excesso erótico, passou a ser entendida como condição de possibilidade da razão e da filosofia (PRADO JR., 1996, p. 56-57).

Tal “inversão”, segundo pontua Bento Prado Jr., conforme consideramos, refere-se à caracterização que temos da *libertinagem* nos séculos XVI e XVII como sendo livre-pensamento ou livre exercício da razão. Nesse contexto, o Marquês de Sade tem seu nome em destaque, ainda que sua obra pertença a um gênero específico de libertinagem.

1.2. Sade - o libertino esquecido / revisitado

Ao debruçar-se sobre a vasta obra de Sade, torna-se necessária uma apresentação bibliográfica, ainda que breve do autor de *A filosofia na alcova*, sem

a pretensão de expor, cronologicamente, toda a vida e evolução do pensamento sadiano, mas antes, um esboço, buscando aproximações entre o imaginário das obras sadianas e certas conjunções na vida do autor, localizando-o em seu tempo, pois, conforme Renato Janine Ribeiro (1994, p. 11): “Faz parte, portanto, da obra sadiana a sua vida irrequieta, à beira do crime e da reclusão – como fazem parte da biografia de Sade seus livros (...). A presença da vida na obra, e por vezes da obra na vida, não é de ordem neutra”. Não nos limitamos, sobretudo, a “esclarecer” ou sanar todas as questões concernentes à vida do mesmo, mas antes, trazer alguma luz aos aspectos que consideramos fundamentais à compreensão do autor, bem como de sua vasta obra.

Sade, perseguido no século XVIII tanto pela monarquia (Antigo Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão, foi desprezado pelo século seguinte, o século XIX, e resgatado finalmente pelos intelectuais surrealistas do século XX, causando-nos ainda hoje um sentimento de estranhamento, e por que não dizer, de interesse, de curiosidade e de incômodo.

Donatien-Alphonse-François, o Marquês de Sade, é um homem sem face. Nenhuma reprodução ou ilustração de seus traços chegou a nós, além de tentativas, por vezes malogradas, a partir de superficiais descrições contidas em algumas cartas ou documentos, conforme Fernando Peixoto (1979, p.14):

Ao menos um [quadro], do poeta, pintor e cineasta de vanguarda Man Ray, é profundamente expressivo: ao fundo, a Bastilha, em primeiro plano um rosto de perfil, quase calvo, cabelos encaracolados que descem cobrindo a orelha, olho vivo, grande, lúcido, fronte alta. O rosto e um pedaço do ombro são feitos de imensas pedras, como as muralhas das grandes fortalezas medievais, como as opressivas torres da Bastilha.

É talvez, a imagem de uma figura ao mesmo tempo comum e misteriosa, que se estampa e se entalha em nosso imaginário: a de um homem edificado com as mesmas pedras que o encarceraram por quase trinta anos. Mas, rocha que é, tornara-se atemporal. Cabe ressaltar, contudo, que, graças às suas prisões, Sade vai tornar-se o escritor que conhecemos. Tal como Jean Genet⁸, Peixoto (1979,

⁸ Assim como Genet, Sade é “resgatado” pelos escritores franceses (no caso deste, pelos surrealistas). Em alguns pontos, podemos compará-los essencialmente no que tange às diversas prisões porque passaram e a literatura que delas nasce. Mas terminam aí as semelhanças, uma vez que Genet não era conduzido à prisão por atos revoltados ou, ainda, libidinosos, como

p.15) considera que a literatura do Marquês nasce desses claustros, de sua *não liberdade*:

Sade é a expressão literária de uma revolta total e quase metafísica, a reivindicação de liberdade não só de princípios mas principalmente de instintos. Um teórico do crime sexual mas ao mesmo tempo um feroz inimigo de qualquer ideia de crime legal, com seu ódio às leis e sobretudo à pena de morte .

O Marquês⁹ de Sade nasce na Paris de Luís XV, no dia 2 de junho de 1740 numa das famílias mais aristocráticas e tradicionais da região. Seu pai, Jean-Baptiste-François-Joseph, senhor de La Coste e de Saumane, dedicou-se à carreira militar e à diplomacia, muitas vezes chamado a missões em nome do rei, e sua mãe, Marie-Éléonore de Maillé de Carman, aparentada dos Bourbon:

O Conde de Sade teria escrito alguns versos de circunstância e também algumas peças para serem representadas para a sociedade. Numa carta a um irmão faz referência a uma comédia que escreveu e que o jovem Sade quer encenar. Ele morre em 1767, com o título de Marechal do campo do exército real. A condessa de Sade foi durante muito tempo Dama de Honra da Duquesa de Bourbon (...). Mais ou menos em 1760 ela separa-se do marido e vai para o convento das Carmelitas, onde falece em 1777 (PEIXOTO, 1979, p.23).

São poucos os registros acerca da infância do Marquês, bem como os que se referem à sua relação familiar. Donald Thomas (1992, p. 38) afirma que em seus primeiros anos de vida, o pequeno Marquês iria se mostrar, “como ele próprio lembrou, que era ‘orgulhoso, irascível e apaixonado’, num grau que devesse angariar-lhe notoriedade internacional antes que metade da sua vida tivesse transcorrido”. Mimado que era, o pequeno Sade teria *voz de comando* no Palácio de Condé.

A condessa de Sade permaneceu no Palácio de Condé, uma combinação de guardiã e governanta, tomando conta do órfão Príncipe Louis-Joseph e do seu próprio filho, que era quatro anos mais jovem. Mas embora Louis-Joseph de Bourbon fosse o mais velho dos dois garotos, não era a sua personalidade que controlava o Palácio de Condé. A Condessa e suas damas-de-companhia começaram a observar com alarme crescente a personalidade em desenvolvimento do pequeno Marquês. Era necessário, como ele próprio escreveu mais

descreve Alexandrian: “Cometia delitos de propósito para ser preso. Adorava o universo carcerário, os delinquentes que encontrava ali”. (1993, p. 371).

⁹ Sade sempre tomou para si o título de *Marquês*, ainda que só tenha herdado do pai o de *Conde*.

tarde, que todo mundo se curvasse diante de sua vontade e se submetesse às suas exigências infantis. Tendo assegurado a submissão ao seu redor a uma série de exigências, ele costumava então mudá-las por alguma outra coisa. Não eram as ordens em si que tinham importância para ele, mas a satisfação de ver as pessoas mais velhas do sexo feminino reconhecerem o seu poder (THOMAS, 1992, p. 38-39).

Nada muito significativo e extraordinário no que tange a tais vontades, pois havia uma certa esperança de que a criança, ao amadurecer, perderia tais hábitos desagradáveis. E, se não o fizesse, estaria de qualquer forma destinado à nobreza, não havendo mal algum na satisfação de tais caprichos durante a infância, uma vez que deverão, inevitavelmente, ser satisfeitos posteriormente.

Ainda com seus quatro anos de idade, dois traços de seu caráter foram constituídos: “sua aversão a qualquer autoridade que porventura se quisesse exercer sobre ele e o delírio com que ele procurava a expressão e a satisfação de desejos emocionais” (THOMAS, 1992, p.39). No ano de 1744 ocorre um “incidente, o primeiro entre muitos que deveriam por em relevo o estilo de vida do pequeno Marquês” (THOMAS, 1992, p. 39). O pequeno Sade e o Príncipe Louis-Joseph têm um desentendimento após um jogo, ao que se seguiu uma alteração:

O Príncipe Louis-Joseph de Bourbon de oito anos de idade defendeu a sua superioridade, tanto em idade quanto em posição. Sem qualquer advertência, o Marquês de Sade, com quatro anos de idade, lançou-se sobre ele e começou a surrá-lo com a energia e a fúria de um louco. Ele era de frágil complexão e, se é que se pode falar de tal coisa, um pouco efeminado na aparência. Mas a determinação com que foi feito o ataque margeava a insanidade. O Príncipe Louis-Joseph, incapaz de se defender de semelhante investida, apanhou, disse o marquês, ‘uma boa surra’, até que o tumulto atraiu a atenção dos mais velhos, obrigando-os a desvencilhar o infante Sade da sua vítima (THOMAS, 1992, p. 39).

Uma confusão, por si mesma, entre duas crianças, não inspiraria maiores preocupações, mas a violência do ataque do Marquês causou evidente sobressalto aos adultos que a presenciaram. Foi decidido, por isso, que a criança deveria deixar o Palácio de Condé. E, aos cinco anos de idade, foi entregue aos cuidados de um tio, Jacques-François-Paul-Aldonse, abade de Ébreuil, que tinha uma secreta e agitada vida, levando, por vezes, mulheres ao seu castelo em Saumane. É nesse *ambiente ambíguo* que Sade viverá sua infância e adolescência, até tornar-se capitão da cavalaria real e tomar parte na Guerra dos

Sete Anos. Em 1751, surgem os primeiros volumes da *Enciclopédia das Ciências, das Artes e dos Ofícios*, projeto desenvolvido por Diderot, D'Alembert, Voltaire e Rousseau no intuito de se resumir e sistematizar o conhecimento acumulado até então, defendendo a *razão* como possibilidade de resposta, rejeitando uma explicação pela via religiosa¹⁰.

A década de 1750 ficou marcada por inúmeras demonstrações de violência e horror, porque, de acordo com Fernando Peixoto (1979, p.29), nessa década:

Paris conheceu um sanguinário Conde de Charolais¹¹, cujo divertimento preferido era abater a tiros, com uma espingarda de caça, os operários que trabalhavam nos telhados ou os transeuntes que passavam nas ruas... E 1757 é um ano marcado por um espetáculo público terrível: o suplício e a morte de Damiens, que fracassou num atentado à vida de Luiz XV. (...) Damiens tentou matar o Rei com um canivete de criança; foi supliciado numa cerimônia macabra que durou cerca de cinco horas. (...) O povo acompanha tudo das ruas. E as damas da corte se comprimem nas janelas para não perder nem um detalhe. Consta que alguns libertinos buscam o orgasmo enquanto Damiens morre.

Tais rituais sanguinários eram organizados com todo rigor, tal como um espetáculo teatral, cujo objetivo era revelar a toda multidão presente – sedenta por emoções fortes – que as leis eram cumpridas e o crime não ficava impune. Diante de tais delitos e práticas gratuitas de deboche parece-nos conveniente a introdução que o Marquês faz em sua obra *Os 120 dias de Sodoma*:

As prolongadas guerras com que Luís XIV foi sobrecarregado durante o seu reinado, embora drenando o tesouro do Estado e exaurindo a substância do povo, continham, não obstante, o segredo que leva à prosperidade o enxame de parasitas sempre alerta às calamidades públicas, as quais, em vez de apaziguar, promover ou inventar, precisamente para mais vantajosamente lucrar com as mesmas. O final deste reinado tão sublime foi talvez um dos períodos da história do Império Francês em que se viu emergir o maior número de fortunas misteriosas, de origens tão obscuras quanto a luxúria e o deboche que as acompanharam. Foi quase no final desse período, e um pouco antes do Regente ter tentado afugentar essa multidão de traficantes através do famoso Tribunal denominado *Chambre de Justice*, que quatro deles conceberam a ideia das orgias singulares que vamos relatar (SADE, 2011, p. 15).

¹⁰ Os enciclopedistas afirmariam em tais volumes, associados à filosofia de La Metrie e Holbach, princípios que terminam por servir de alicerce ao edifício filosófico de Sade. (Cf. PEIXOTO, 1979, KLOSSOWSKI, 1985 e BORGES, 1999).

¹¹ Também citado em *A filosofia na alcova*: “*Eu vos perdoou, disse Luís XV a Charolais que matara um homem para se divertir, mas também àquele que irá matar-vos*” (SADE, 1999, p. 168-169).

Em 1754, Sade é admitido na Academia de Cavalaria Ligeira, escola militar de elite. Um ano após é promovido a subtenente e participa da Guerra dos Sete Anos. Aos vinte e três anos de idade regressa a Paris, onde terá algumas aventuras amorosas, chegando a alugar uma casa, em Arcueil, para essa finalidade, o que leva a polícia, de forma discreta, a pedir-lhe moderação.

Em poucas semanas, jogando muito e envolvido com atrizes e prostitutas, estabelece uma sólida má reputação, que preocupa o pai. A situação financeira da família Sade é bastante ruim. O Conde vive sozinho, sem grande energia, com a saúde abalada. E resolve encontrar uma solução para os dois problemas, reputação e dinheiro: o casamento do filho... (PEIXOTO, 1979, p. 31).

É somente em 17 de maio de 1763 que desposa, a contragosto, Renée-Pélagie de Montreuil. Entretanto, cinco meses após, envolve-se novamente com prostitutas e, devido a muitas queixas contra ele, será preso pela primeira vez. Cito:

Gilbert Lely considera os anos de 1763 e 1768 o período em que Sade, *pelas confidências das prostitutas como a partir da observação de seu próprio delírio, recolhe os primeiros elementos de seu dossier demoníaco, enquanto em seu espírito nasce pouco a pouco a aurora de um conhecimento trágico cujas leis nenhum filósofo antes dele soubera deduzir* (PEIXOTO, 1979, p. 36).

Essa primeira prisão na vida de Sade deve-se a um escândalo que ocorreu na noite de 18 para 19 de outubro. E, devido à natureza da acusação, sua sentença mostrou-se branda, talvez em virtude de sua posição social.

O depoimento de Jeanne Testard, operária e prostituta, que denunciou o Marquês à polícia, é um relato impressionante, mas não se sabe até que ponto [de todo] verdadeiro, de uma noite de sexo e sacrilégio: *inicialmente ele perguntou se ela tinha religião, se acreditava em Deus, em Jesus Cristo e na Virgem; ao que ela respondeu que acreditava e que seguia tanto quanto possível a Religião Católica, na qual tinha sido criada. Ao que replicou com injúrias e blasfêmias horríveis, dizendo que tinha se masturbado até o orgasmo dentro de um cálice que teve durante duas horas à disposição numa capela.* O relato prossegue contando como a prostituta foi conduzida a um quarto cheio de imagens obscenas e religiosas; como foi obrigada, apesar de ter alegado estar grávida, a práticas sexuais *de maneira contrária às leis da natureza*; como foi obrigada a realizar atos de sacrilégio com imagens cristãs, inclusive crucifixos de mármore, proferir blasfêmias contra Deus e a religião, ouvir poemas imorais, chicotear e ser chicoetada, passar a noite se comer e sem dormir; como foi obrigada a assinar um papel em branco, jurar não

contar nada e prometer ir à missa no domingo seguinte para comungar e trazer a hóstia, que seria depois introduzida nela, como ele já havia feito com outra, etc. (PEIXOTO, 1979, p. 36-37)

Tal acusação é expedida ao rei Luís XV e Sade é encarcerado em Vincennes. Quinze dias depois é posto em liberdade e fica impedido de retornar a Paris. Sentença que não cumpre e termina por ser preso novamente em 1768 devido a atos de libertinagem de natureza ainda mais violenta e à tentativa de envenenamento da prostitua Rose Keller.

O terceiro grande escândalo ocorreria em 27 de julho de 1772, quando quatro prostitutas processam Sade e seu criado após orgia em Marselha. Segundo relato das vítimas, Sade as teria obrigado a ingerir bombons de anis com pó-de-cantáridas¹² ou mosca-espanhola¹³. Sade e Latour são processados por crimes de libertinagem, algolagnia¹⁴, sodomia e envenenamento.

De acordo com a sentença formal, deveriam ser levados, com cordas em torno do pescoço, até a porta da Catedral de St. Marie-Majeure, ao lado do porto de Marselha. Ali, vestindo camisas de penitentes, cabeças descobertas e pés descalços, eles deviam ajoelhar-se com velas acesas nas mãos e pedir perdão diante da porta do edifício. Depois, seriam conduzidos à Place St. Louis, onde Sade subiria a um cadafalso para ser decapitado, enquanto o plebeu Latour devia ser posto na forca pelo carrasco. A fim de que nenhum solo consagrado fosse conspurcado pelo enterro de seus cadáveres, os dois corpos deviam ser queimados e as cinzas espalhadas aos ventos. Era um plano elaborado e muito custoso de execução dupla, de modo que a corte prudentemente multou Sade em trinta libras e Latour em dez libras para cobrir as despesas da cerimônia (THOMAS, 1992, p.108).

A sentença é cumprida por procuração e a execução cumprida “em efígie”¹⁵. Tais casos serão a gênese da “lenda contra o Marquês de Sade, apontado como um demônio sanguinário” (PEIXOTO, 1979, p. 46).

¹² Em seu esboço para a quarta parte de *Os 120 dias de Sodoma* encontramos algumas referências ao nocivo afrodisíaco: “Um bugre convida amigos a um festim, e envenena parte deles, cada vez que serve comida.”; “Um bugre faz uso de um pó que vos mata em meio a tormentos inconcebíveis.”; “Nessa noite, enquanto brincam, fazem, Julie tomar um pó que lhe dá cólicas pavorosas.”; “Um bugre costumava ir à casa de conhecidos ou amigos, e nunca deixava de envenenar o que este amigo tinha de mais caro em criaturas humanas. Servia-se de um pó que matava, após dois dias, em meio a dores horrendas.” (SADE, 2011, p. 334).

¹³ Mosca-espanhola, veneno extraído de besouro e usado como medicamento pela medicina antiga e também como afrodisíaco, com severos riscos à saúde por incluir um composto venenoso.

¹⁴ Refere-se a uma prática sexual caracterizada pela obtenção de prazer ao infligir dor a si mesmo ou a outrem.

¹⁵ Encenação onde se queima um boneco ou outra representação do condenado.

Devido à revolta da opinião pública, Sade é, de forma oportuna, considerado uma espécie de bode expiatório por todos os crimes cometidos por todos os libertinos abastados e impunes da época. E é justamente nesses anos entre encarceramentos e libertações que eclode o Sade escritor. Nas palavras de Simone de Beauvoir, “agoniza o homem e nasce um escritor” (1955, p. 7). Entretanto, segundo Eliane Robert Moraes: “se o escritor nasce *na* prisão, sua literatura não necessariamente nascerá *da* prisão” (2011, p. 44).

Podemos ver, claramente em suas obras, que Sade não se limita a somente *narrar* uma novela, conto, historieta, diálogo ou romance – estilos pelos quais circula livremente. Parece-nos, em muitos casos, um *télos*, como uma seta sempre a mostrar uma direção, aonde quer chegar. Esse é um dos motivos de investigação que esse autor possibilita, uma vez que está sempre revelando setas que apontam para diversas direções. Em diversas passagens encontra-se o Sade *historiador*, comparando cenas ou acontecimentos em seus romances com algum fato histórico.

Em *Os 120 dias de Sodoma* (talvez a obra mais impressionante do Marquês, seja pela seiscentas paixões ali retratadas¹⁶, seja pela sistematização com que nos apresenta sua filosofia), Sade escolhe quatro representantes dessa sociedade para serem os “diretores deste imenso teatro”, são eles: Duque de Blangis, Bispo de ..., Presidente de Curval e Durcet. Um nobre, um religioso, um juiz e um financista. Em princípio, partindo da posição social e dos cargos ocupados por esses personagens, cremos ter aí quatro homens acima de qualquer suspeita. Mas a intenção de Sade é justamente mostrar-nos como o vício está presente também em tais escalões, pois se enganaria “quem imaginasse que apenas plebeus se dedicaram a essa extorsão fiscal, pois era encabeçada por senhores muito notáveis” (SADE, 2011, p. 15). As personagens criam uma sociedade poderosamente organizada por “laços entre eles através de uma série de casamentos, consumados em orgias” (PEIXOTO, 1979, p. 107), no intuito de viajarem¹⁷ até o castelo de Silling e lá se isolarem por cerca de 120 dias,

¹⁶ “E aqui o assombroso não é tanto o número de descrições, mas o fato de Sade tê-las imaginado na solidão das celas em que ficou preso” (PAZ, 1999, p. 39).

¹⁷ A viagem, assim como castelos, torres, alcovas, etc, desempenham importante papel nas obras de Sade (Cf. MOARES, 1994), pois são nestes locais que seus devassos despem-se completamente de seus pudores e das amarras sociais entregando-se às mais variadas licenciosidades. Acreditamos também serem relevantes tais características como instrumentos

a fim de realizarem as orgias. Para tanto, são selecionadas quatro velhas meretrizes, com um cabedal de experiência na arte da sedução e da exploração sexual, a fim de que possam relatar uma série de paixões que irão inspirar os libertinos. Essas quatro mulheres são chamadas de *historiadoras*.

Em *A filosofia na alcova*, o Marquês brada e provoca: *Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos*, libelo político enxertado entre os diálogos da obra, na qual o autor demonstra toda sua erudição e paixão pela História, valendo-se de diversos exemplos para corroborar suas análises, conforme percebemos nestes excertos:

Se percorrermos a Antiguidade, veremos o roubo permitido, recompensado em todas as Repúblicas da Grécia. Esparta e a Lacedemônia o favoreciam abertamente. [...] 'Licurgo e Sólon, convencidos de que os resultados do impudor mantêm o cidadão num estado imoral essencial às leis do governo republicano, obrigaram as jovens a se apresentarem nuas no teatro. Roma logo imitou este exemplo: dançava-se nu nos jogos de Flora'. [...] 'As babilonianas levavam suas primícias ao templo de Vênus antes de completar sete anos'. [...] 'Em sua *Utopia*, Thomas Morus prova ser vantajosos para as mulheres se entregarem ao deboche, e as ideias deste grande homem nem sempre eram sonhos'. [...] 'Se percorrermos o universo, encontraremos o incesto estabelecido em toda parte. Os negros da Costa da Pimenta e do Rio Gabão prostituem suas mulheres com os próprios filhos; o filho mais velho, no reino de Judá, deve desposar a mulher de seu pai; os povos do Chile dormem indiferentemente com as próprias irmãs e filhas e desposam com frequência de uma só vez a mãe e a filha'. (SADE, 1999).

São exemplos que revelam para que direção esse autor volta-se muitas vezes. Sade recorre à mitologia, passa pela Antiguidade - Grécia e Roma – pelo Medievo, chegando a fatos recentes de sua própria sociedade, citando toda sorte de histórias – fatuais ou não – presentes na literatura mundial. Conforme Eliane Robert Moraes (1992, p. 43), “é como se não pudéssemos aceitar que o ‘inconcebível’ da literatura tivesse sido realmente concebido na história”. Sade não tem o privilégio de ser o primeiro a introduzir a crueldade na libertinagem, pois já encontramos exemplos nas obras dos libertinos setecentistas¹⁸, O Marquês de Sade, entretanto, “é o primeiro a nos alertar a isso, insistentemente,

pedagógicos, uma vez que viaja-se para conhecer e é dentro dos castelos, torres e alcovas que suas personagens são educadas para o vício, conforme analisaremos mais detalhadamente em capítulo posterior.

¹⁸ Conforme esboçado no Capítulo 1.1.

recorrendo de forma exaustiva a exemplos históricos” (*Idem.*). Segundo Sergio Paulo Rouanet:

Se os filósofos se interessam pela temática sexual, os autores libertinos são simpatizantes declarados dos objetivos políticos dos filósofos. Eles ajudam o combate filosófico criticando, por um lado, os costumes aristocráticos, principalmente os amorosos, e transformando seus romances em poderosíssimos instrumentos de irradiação das ideias dos filósofos (1990, p. 169).

Eliane Robert Moraes (1992) discute acerca de alguns vestígios históricos da libertinagem, advertindo quanto às surpresas que os estudiosos podem ter ao abordar a obra de Sade, a partir da história da libertinagem, uma vez que encontraremos diversos *fatos históricos* citados por Sade. Entretanto, tal afirmação não pretende descartar a imaginação e nem a competência de romancista desse autor, mas tão somente relacionar o mesmo com a História e, principalmente com sua sociedade. Conforme Klossowski (1985, p. 80):

O Marquês de Sade cresceu numa sociedade consciente de repousar no arbitrário. A enfermidade moral dessa sociedade que tem tudo a temer do cinismo acerbo de alguns de seus representantes encontra-se na origem das preocupações filosóficas de Sade. Estas últimas traduzem inicialmente um estado de má consciência: a má consciência do grande senhor libertino, tanto mais exigente em Sade porquanto sofreu o impulso das forças irracionais de sua personalidade. Uma profunda necessidade de justificação leva Sade, portanto, a procurar argumentos de defesa na filosofia de um La Metrie e de um Holbach; melhor ainda: de um Spinoza¹⁹.

Devido aos muitos anos de cárcere, Sade dedicou grande parte de seu tempo à leitura e à escrita. Podemos encontrar em sua obra diversas referências literárias²⁰ e filosóficas. Apesar de compreendermos a importância de tais referências²¹ na obra de Sade, não nos dedicaremos a fundo a esse tema.

Os problemas que ora levantamos são, na verdade, uma tentativa de apresentar a libertinagem e o autor de *A filosofia na alcova* em seu contexto

¹⁹ Klossowski relaciona o conceito de Natureza em Sade ao de Espinosa. Nós, entretanto, seguindo noutro rumo, abordaremos em capítulo posterior tal conceito, mas tentando restringi-lo ao Marquês, caminhando por sua própria fundamentação no intento de se compreender seu “sistema”.

²⁰ Especificamente obras de ficção. Conforme Sade mesmo define: “Chamamos romance a obra de ficção composta a partir das mais singulares aventuras da vida dos homens” (SADE, 1991, p.21).

²¹ Tais como o epicurismo e o estoicismo.

histórico, bem como sua importância e influência – ainda que por vezes não explícita – no século XIX e seu *resgate* no século XX. E, em concordância a Gabriel Giannattasio:

Admitindo as dificuldades em circunscrever e dar conclusividade ao problema, creio que posso afirmar, ao menos, que **a relação entre Sade e sua época só pode ser apreendida como produto de um autor que, contra as tendências de seu tempo, afirma o imaginário como fonte de potência do homem** (GIANNATTASIO, 2000, p. 32) [grifos nosso].

Sobre a questão do **imaginário sadiano**, referencial metodológico de nossa investigação, nos aprofundaremos no capítulo que se segue.

CAPÍTULO II - O IMAGINÁRIO DA LIBERTINAGEM E DA VIOLÊNCIA EM SADE

2.1. O Imaginário

Neste segundo capítulo, como pressuposto teórico, propomos delinear acerca do imaginário, uma categoria de investigação na obra de Gaston Bachelard. Tal categoria é fundamental em nossa pesquisa, dada a necessidade de compreendermos o universo ficcional e filosófico de Sade, possibilitando mais uma chave de leitura das ideias transgressoras desse autor, bem como compreender as diversas críticas à sua obra, sejam aquelas feitas por renomados críticos, posteriores ao autor; sejam aquelas que foram dirigidas e recebidas por Sade, ainda em vida, e que, por isso, pôde responder algumas delas: as cartas que foram coletadas e recentemente publicadas no Brasil (SADE, 2009). O Marquês de Sade elaborou-as para se defender das inúmeras acusações que recebia, bem como, criticar os valores vigentes no contexto iluminista pré e pós Revolução.

Mas antes de tratar da imaginação na obra sadiana, torna-se necessário resgatar as concepções por detrás dessa faculdade e contextualizá-la partindo de alguns referenciais teóricos para, posteriormente, assinalarmos seu sentido na obra de Sade.

Quando se pensa em imaginário, nossas primeiras impressões e reflexões nos remetem imediatamente a pensar uma relação com o real, com o concreto, com a realidade vivenciada e que nos parece “verdadeira”. O imaginário, por isso, é também caracterizado por uma ambiguidade, seu duplo aspecto, positivo e negativo, potência criativa, afetiva que se manifesta mediante o inconsciente e também na força bruta, primitiva, fantasiosa e exagerada do inconsciente. O imaginário está ligado, como se pode dar a compreender, às imagens, aos mitos e aos símbolos ficcionais, como a força propulsora, aquela força que antecede e impulsiona a razão a funcionar de maneira equilibrada, a fim de manter o vínculo

ou estabelecer uma consistência com a realidade sensível (SILVA, 2011). Isso posto, percebe-se a dificuldade, mas também a necessidade, de melhor conceituar essa categoria, buscando referenciais que contribuam para uma melhor compreensão da mesma.

Ainda que o imaginário, enquanto substantivo, esteja cada vez mais presente em certos discursos, e nos remeta a variadas expressões, tais como o sonho, o devaneio, o mito. O termo em si é, relativamente, recente em algumas línguas. Conforme Wunenburger (2007, p.7):

O termo foi inscrito recentemente na língua francesa e parece ignorado em muitas línguas (não há um equivalente em inglês). Chr. Chelebourg indica o aparecimento do termo em Maine de Biran em 1820 ou mais tarde em Alphonse Daudet, que fala de um 'imaginário', isto é, de um homem afeito aos devaneios. Villiers de L'Isle-Adam evoca na 'Eva futura' esse domínio do Espírito que a razão denomina, com um desdém vazio, o 'Imaginário'.

Opondo-se ao termo "imaginação", mais ligada a uma faculdade psicológica ou função simbólica, e a outras noções de tradição romântica e da filosofia racionalista, é que se começa a pensar, na primeira metade do século XX, o imaginário como categoria independente, distanciando-se paulatinamente da concepção clássica de imaginação, principalmente, porque "o imaginário não é apenas um termo que designa um conglomerado de imagens heteróclitas, mas remete para uma esfera psíquica onde as imagens adquirem forma e sentido devido à sua natureza simbólica" (WUNENBURGER e ARAÚJO, 2003, p. 23). Destacam-se nesse período, sobretudo, as obras de Gaston Bachelard e em seguida Gilbert Durand, autores que resgataremos no decurso deste capítulo.

Ainda quanto às dificuldades de delimitação do termo imaginário, segundo Jean-Jacques Wunenburger, costumam-se encontrar outros que mostram sensíveis aproximações, mas que não deixam claro a dimensão que estamos ora resgatando, tais como: mentalidade, mito, ideologia, ficção, temática, imagem, símbolo e arquétipos.

O termo *mentalidade* foi largamente utilizado pela Escola dos Annales como uma modalidade historiográfica, ou ainda, uma metodologia que privilegiava a maneira de pensar e sentir dos indivíduos ou grupos situados num mesmo momento histórico e de que forma tais visões de mundo, ou modos de sentir,

caracterizam um sistema de crenças ou valores próprios de uma época. Abordagem similar faz a História Cultural, ao tratar a história como estudo interdisciplinar. “Mais concreto do que a história das ideias, o estudo das mentalidades permanece, contudo, mais abstrato do que a descrição dos imaginários” (WUNENBURGER, 2007, p. 08).

O *mito* é cognominado como sendo um conjunto de narrativas constituintes de um patrimônio cultural. Tais narrativas são revestidas de simbolismo essencialmente antropozoomorfizando personagens numa tentativa de explicação da realidade. Entendido também como “o elemento intermediador em todos os trabalhos, o fio dos discursos, dos relatos, das construções, das distribuições e das sequências” (SILVA, 20011, p.23). Ainda conforme Luzia Batista de Oliveira Silva, retomando Gilbert Durand, “o mito é a matriz de todo discurso, entendido como um sistema dinâmico de símbolos e arquétipos que, sob o impulso de um esquema, tende a se compor em narrativa” (SILVA, 20011, p.23). Todavia, ainda que o mito constitua-se como uma das mais elaboradas configurações de imaginário, ainda assim “não basta para esgotar crenças coletivas não fundadas objetiva ou positivamente” (WUNENBURGER, 2007, p.9).

Silva (2011, p.25) pontua que em Gilbert Durand:

O imaginário funciona sobretudo como fecundador e organizador da vida dos homens, como instância de mediação na relação do homem consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Atua igualmente como uma rede ou sistema de relações, ou seja, um sistema dinâmico e organizador de imagens, no qual há plena integração e livre circulação entre a via racional e a via imaginária.

Na obra de Durand (1997), também é significativo o papel atribuído às imagens, que devem ser compreendidas enquanto símbolos, os verdadeiros mediadores na esfera do imaginário. Por mais degradada que possa estar uma imagem, ela é aquele elemento portador de um sentido, o qual não deve ser buscado fora do imaginário, mas em seu próprio domínio.

Quanto ao imaginário na obra de Gaston Bachelard, Silva (2011, p.55-56) considera que:

Uma teoria da imaginação para Bachelard deve preocupar-se em discernir atividade onírica de atividade intelectual, procurando perceber a importância das imagens no processo de formação das ideias.

Imaginação, para Bachelard ... corresponde a imaginário, sendo ambos os termos sinônimos. A primeira é faculdade de formar imagens fornecidas pela percepção, faculdade essa que pode libertar-nos da sedução das imagens primeiras, transformando-as em nosso psiquismo, visto manter-se sempre aberta, evasiva, experiência mesma da abertura, da novidade, soma de nossas experiências. Para ele, 'se déssemos mais importância à imaginação, veríamos muitos falsos problemas psicológicos esclarecidos'... O imaginário, além de dinamismo organizador, é fator de homogeneidade de qualquer representação. É a faculdade de **formar imagens** e de **deformar a realidade**, podendo coordenar reciprocamente o pensamento de forma mais íntima. [grifos nossos]

O imaginário sadiano é potente, Sade parece incorporar o verdadeiro mestre para **formar imagens** e **deformar a realidade**, imagens que surpreendem, que parecem impossíveis ou jamais pensadas, sonhos que apontam realidades absurdas, aflições que não podem alcançar a casa dos sonhos, mas dos pesadelos, dos quais não podemos nos evadir. Deforma a realidade, nos faz ver um mundo que parecia não existir, uma realidade que se esconde atrás das sombras que chamamos realidade.

Em Sade a massa, o elemento sólido (a terra, o barro) é o mais “palpável”, aquele que concentra certa consistência substancial, como as matérias orgânicas que Sade recorrentemente cita em seus discursos: merda, cérebro, pedaços de membros, de preferência alijados, esperma, urina, genitálias masculinas e femininas, peitos, bundas, pernas, braços, orelhas, línguas, mãos, pés e muitos outros membros do corpo.

A matéria em Sade é atrativa; é algo que lhe incita prazer, para descrever e para manipular, o que faz de maneira erótica e violenta; o corpo é a matéria, a massa sólida para sua manipulação; as partes e membros de um corpo são expressões vivas de uma matéria como fonte de energia, que deve ser explorada até seu esgotamento total, visto que provoca e se nutre da energia de outras matérias, corpos e órgãos.

Cabe fazer uma analogia, tal como o explorador de corpos na fábrica, para quem a energia do corpo é gasta em atividades que geralmente não permitem nenhum tipo de prazer ao trabalhador. Sade é o explorador de corpos que são subjugados ao prazer do libertino; por exemplo, a merda²², vista como uma

²² A merda pode ser considerada “como *receptáculo de força*, os excrementos simbolizam uma potência biológica sagrada que residiria no homem e que, mesmo depois de evacuada, ainda poderia, de uma certa maneira, ser aproveitada. E, assim, aquilo que na aparência é uma das

matéria de repulsa e asco, Sade a vê como uma matéria que conjuga repulsa e atração, curiosidade e alimento de prazer do libertino; alimento que choca os sentidos, que faz crianças se sentirem como criadoras de uma matéria que tem poder econômico, uma matéria de barganha, que, inicialmente, não passa de diversão, até a presa ser atraída por situações mais comprometedoras e constrangedoras; dados os inconvenientes da situação em que a criança é colocada, ela mesma uma peça de barganha para o prazer do libertino.

Parece conveniente lembrar que, nas indústrias do período em que Sade viveu, crianças pobres também ficavam expostas aos perigos dos trabalhos e esgotadas por um trabalho fatigante, de 14 ou 16 horas; que não passavam de corpos explorados na linha de trabalho.

Tomando como exemplo o conceito de *ideologia*, pode-se dizer que ele é amplo em significados, podendo ser expresso como um conjunto sistemático e orgânico de ideias que se aquiesce sem profundas argumentações por meio de um discurso não narrativo, ou ainda, como tentativa de convencimento por meio de um falseamento da realidade. Segundo Maffesoli:

A ideologia, contudo, guarda sempre um viés bastante racional. Não há quase lugar para o não-racional no olhar ideológico. No fundo do ideológico há sempre uma interpretação, uma explicação, uma elucidação, uma tentativa de argumentação capaz de explicitar. Há algo, racional, que derivará da aplicação da noção de ideologia. A ideologia é uma premissa que deve levar, necessariamente, a um desvendamento. A ideologia, portanto, é sempre pensada, passível de racionalização. Já o imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas (MAFFESOLI, 2001, p. 76-77).

Gaston Bachelard dedica-se à investigação da imaginação compreendendo a importância e a onipresença das imagens na vida mental, conferindo-lhe criatividade onírica, raiz da relação poética com a realidade, diferenciando-se das investigações realizadas por Jean-Paul Sartre, que entende imaginação e imaginário como nadificação da consciência e irreal (Cf. WUNENBURGER, 2007).

coisas mais desvalorizadas, seria, ao contrário, uma das mais carregadas de valor (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1999, p. 411).

Afirma Wunenburger (2007, p.18-19) que as “imagens que se impõem como obstáculos à abstração revelam-se, pelo contrário, positivas para o sonho (...)” e, portanto, como fonte de criação.

(...) Bachelard situa as raízes da imaginação em matrizes inconscientes (os arquétipos), dissociando-se elas próprias em duas polaridades, masculina (*Animus*) e feminina (*Anima*), que modificam o tratamento das imagens quer no sentido voluntarista de luta, quer no sentido mais pacífico de reconciliação. Longe de ser recalçadas, como para Freud, essas imagens são em seguida transformadas por uma consciência perceptiva em imagens novas ao contato dos elementos materiais do mundo exterior.

- por fim, as imagens encontram sua dinâmica criadora na experiência do corpo, por exemplo a atividade de expressão linguística ou do trabalho muscular por meio de seus movimentos, seus ritmos, a resistência das matérias trabalhadas pelo gesto, e por fim a consciência temporal descontínua, feita de instantes sucessivos e inovadores, arrebatados por um ritmo (WUNENBURGER, 2007, p.18-19).

As imagens em Sade sofrem também uma “transformação” e, assim como afirma Wunenburger acerca de Bachelard, no autor de *Os 120 dias de Sodoma*, também não as encontraremos de forma “recalcada”. Se assim fosse, encontraríamos em sua obra fortes conotações da *clausura*. Conforme abordaremos em capítulos seguintes, o claustro, a alcova, os conventos e castelos remotos e afastados da civilização são espaços fundamentais na obra sadiana, mas como recurso e expediente – ou mesmo proteção - dos libertinos; nunca num sentido “libertador”, devido aos muitos anos em que viveu no cárcere.

Talvez se possa até mesmo dizer que esse transbordamento de imaginação se deve à clausura imposta ao escritor, como sugere Bataille. ‘Sem a reclusão, a vida desordenada que ele levava não lhe seria permitido a possibilidade de alimentar um desejo interminável, que se propunha à sua reflexão sem que pudesse satisfazê-lo’. Na solidão do cárcere, que o obriga a amortecer o corpo, Sade deixa o pensamento transbordar. Impossibilitado de realizar a carne, ele anuncia a realização da consciência (MORAES, 2011, p. 46).

O libertino está sempre disposto ao prazer, este, para ser concretizado, está sujeito a uma prática sistematizada valendo-se de inúmeros procedimentos e posturas, em que a imaginação tem caráter efetivo. Sade faz uso desse recurso imaginativo e o experencia por meio de suas personagens. Na *terceira parte* de *Os 120 dias de Sodoma*, lemos o seguinte relato de um libertino:

Ele fode uma cabra de quatro enquanto o açoitam. Ele faz um filho nessa cabra, que ele enraba por sua vez, embora seja um monstro. (...) Ele manda colocarem-no numa cesta preparada, que tem uma abertura apenas num lugar, onde ele põe o cu esfregado com porra de égua. A cesta, não apenas é coberta por uma pele desse animal como imita o seu corpo. Um cavalo inteiro, adestrado para tanto, enraba-o, e, enquanto isso, na sua cesta, ele fode uma linda cadela branca (SADE, 2011, p. 312).

A imaginação de seus libertinos, tal qual a sua, não tem limites. Em *A filosofia na alcova*, como nota de apresentação e dedicatória intitulada “Aos Libertinos” faz apologia da força e importância das forças imaginativas.

Convençei-vos em sua escola que, só estendendo a esfera de seus gostos e de suas **fantasias**, só sacrificando tudo à volúpia, o infeliz indivíduo denominado homem e jogado a contragosto neste triste universo conseguirá semear algumas rosas sobre os espinhos da vida (SADE, 1999, p. 11). [grifo nosso]

Todavia, a imaginação, no que tange ao contexto educativo, pode mostrar-se perigosa. Conforme Augusto Contador Borges (1999, p. 228):

Foi justamente o medo do grande potencial da imaginação que levou Rousseau a recomendar aos educadores a controlá-la nas crianças, não deixando que ela as excitasse muito cedo, temendo que seu uso desenfreado as tornasse infelizes no futuro.

Mas Sade, que vai sempre de encontro aos valores estabelecidos e contra toda e qualquer institucionalização, tal como um espelho, “que reflete as contradições, não só de seu tempo, mas de todo o sistema reto que o homem desejou produzir” (GIANNATTASIO, 2000, p. 151), principalmente contra aqueles que prometem e impõem grilhões ao prazer e ao gozo, “motor essencial ao desejo libertino” (BORGES, 1999, p. 228), insiste em desatar, também, a imaginação na/da libertinagem, entendendo-a como unívoca à liberdade e potencializadora da rebeldia. Assim afirma uma de suas personagens: “os efeitos de uma imaginação tão depravada como a minha, são como as águas impetuosas de um rio que transborda” (Sade *apud* GIANNATTASIO, 2000, p. 151).

O projeto sadiano somente se efetiva, de modo pleno, no plano da imaginação. Por isso, Sade aceita a realidade dada acolhendo, e intensificando, seus paradoxos. Nas palavras de Simone de Beauvoir, em seu ensaio *Deve-se queimar Sade?* afirma que o Divino Marquês principia

A desinteressar-se desse mundo a um tempo aborrecido e ameaçador que nada lhe propõe de válido e ao qual pede demais; irá buscar, alhures, a sua verdade. Quando escreve que a paixão do *gozo subordinada e reúne ao mesmo tempo* todas as outras, dá-nos exata descrição de sua própria experiência; subordinou a sua existência ao seu erotismo porque este se lhe afigurou a única realização possível desta existência; se ele se lhe devota com tal ímpeto, imprudência e obstinação, é porque concede maior importância às histórias que através do ato voluptuoso ele próprio se relata do que aos acontecimentos contingentes: **escolheu o imaginário** (1955, p.4). [grifo nosso]

O imaginário supre as *falhas* e limites da razão, e é transcendendo o claustro da razão e do real que Sade encontra a liberdade desejada.

2.2. O imaginário da violência

Maria Rita Kehl (1996) afirma que poderíamos ler a filosofia libertina, nos dias atuais, como produto de uma razão delirante. Razão herdada da filosofia das Luzes, da burguesia que a consolidou. Entretanto, como reação à autoridade do clero e a da decadente nobreza, “o próprio espírito das Luzes substituiu a onipotência divina pela onipresença da razão, que é uma forma de onipotência do eu” (KEHL, 1996, p. 329).

Ainda segundo a autora, ao se resgatar Freud – que não seria o primeiro a aproximar a razão da loucura – percebe-se certo risco “do pensamento abstrato distanciar-se demais da base imaginária... A base imaginária, empírica, de nosso pensamento é que coloca limites aos voos abstratos da razão” (Ibid.). Isso posto, apreende-se que o pensamento abstrato e a loucura aproximam-se e se assemelham quanto à possibilidade de realizar tudo o que se queira, sem limites. Ora, onde reside o “risco” em tal distanciamento, como dito anteriormente? O pensamento delira, ensandece, quando não há um limite claro em sua capacidade de invenção do real, uma vez que o “pensamento abstrato prescinde de qualquer lei que não sejam as leis da lógica, nas quais a base ‘empírica’ da verdade, que depende do imaginário e passa necessariamente pelos afetos, se perde” (KEHL, 1996, 329).

Assim entendido, torna-se necessário haver algumas “ilusões” para que a civilização se sustenha e não se decline na barbárie. Ilusões compartilhadas pela sociedade, tais como os *tabus*.

Na obra sadiana, encontramos muitos deles sendo despidos e anunciados - como práticas naturais - pelos libertinos, tais como o incesto, o roubo, o assassinato, a poligamia, etc. Em *A filosofia na alcova* (SADE, 1999, p. 56), Saint-Ange afirma: “Nos doze anos em que estou casada, já fui provavelmente fodida por mais de dez ou doze mil indivíduos... E ainda me julgam sensata na sociedade!”. Ou ainda, Dolmancé, o devasso preceptor da obra em questão, ao defender o assassinato: “Se todos os indivíduos fossem eternos, não se tornaria impossível à natureza criar novos seres? Se a eternidade dos seres é impossível à natureza, sua destruição torna-se portanto uma de suas leis” (Op. Cit., p. 161). E sobre o roubo, conclama que se deve punir “o homem negligente o bastante para se deixar roubar, mas não pronunciai nenhum tipo de pena contra aquele que rouba” (SADE, 1999, p.144). Quanto ao incesto, Sade defende-o assumindo sua necessidade em um Estado Republicano no intuito de se estenderem “os laços de família e, em consequência, torna mais ativo o amor dos cidadãos pela pátria” (SADE, 1999, p. 155). E recorrendo, como de hábito, à tradição judaico-cristã para melhor fundamentar suas teses, assevera:

Como a espécie humana, após as enormes desgraças que enfrentou nosso globo, poderia de outro modo se reproduzir a não ser por incesto? Não encontramos a prova e o exemplo disso nos livros respeitados pelo cristianismo? As famílias de Adão e de Noé poderiam de outro modo perpetuar-se a não ser por esse meio? Revistai, compulsai os hábitos do universo. Em toda parte vereis o incesto autorizado, visto como uma lei sensata e feita para cimentar os laços da família. Se, numa palavra, o amor nasce da semelhança, onde esta pode ser mais perfeita do que entre irmão e irmã ou pai e filha? Uma política mal compreendida, produzida pelo temor de tornar certas famílias poderosas demais, proibiu o incesto em nossos costumes. Mas não nos deixemos enganar a ponto de tomar por lei da natureza o que só é ditado pelo interesse ou pela ambição (SADE, 1999, p. 64).

Sade, não recorre a nenhuma doutrina harmonizadora e, tomando a “natureza” como referência, instaurada pelo Iluminismo, conclui que não há razão alguma para que o homem não se entregue ao crime.

Assim, delírios da razão são totalitários, justamente ao tentar encontrar, e transformar em máxima moral, a verdadeira natureza humana. Mas também são totalitários ao tentar impor à sociedade uma ordem hiperbólica... No Iluminismo, o horror ao mistério, ao inexplicável, ao oculto, engendrou o horror ao inconsciente (ainda não dito como tal) na compulsão de tudo dizer, tudo mostrar, tudo iluminar – e, por que não?, tudo fazer. Tudo saber sobre o desejo, tudo dizer sobre o sexo e, principalmente, tudo fazer – este o imperativo da filosofia libertina, nascida da onipotência da razão (KEHL, 1996, p. 330).

Sem tais anseios e hipérboles, não teríamos herdado da filosofia libertina nossa condição de “modernos”, seja pelo ateísmo radical, seja por sua contribuição quanto à concepção do *indivíduo* moderno e pela estreita relação do mal com a sexualidade, ou, de forma mais específica em Sade, da violência aliada à prática sexual. Mas essa vontade de tudo saber, tudo descortinar e expor e viver a verdade (a verdade do gozo e do crime, diga-se) proclamada pela filosofia libertina, vai de encontro aos ideais do espírito revolucionário republicano:

O prazer do libertino se dá na reprodução dos ritos do Antigo Regime, e mesmo o discurso que ele reproduz – uma espécie de etiqueta radical e totalitária, ainda que ao avesso – combina mais com a vida na corte do que com a vida republicana. O libertino representa a si mesmo como pertencendo a uma classe de homens superiores, com direitos ilimitados de gozar do outro. Sade odeia a ideia de igualdade (KEHL, 1996. p. 331).

Sobre a igualdade, cabe ressaltar que, embora apregoe e exalte o que se toma por *tabu*, conforme dito anteriormente, Sade distingue claramente os libertinos dos não libertinos. Em dado momento do “terceiro diálogo” de *A filosofia na alcova* o preceptor Dolmancé, num longo discurso a Eugénie, sua pupila, assim justifica a supressão de certas “criaturas”:

Ouçõ clamores de todas as partes para que se encontrem meios de suprimir a mendicância, mas enquanto isso fazem de tudo para que ela se multiplique. Quereis ficar livre de moscas em vosso quarto? Não derrubeis açúcar para atraí-las. Não quereis que a França tenha pobres? Não distribuí nenhuma esmola, e suprimi, sobretudo, vossas casas de caridade. O indivíduo que nasce no infortúnio, vendo-se privado desses perigosos recursos, empregará toda sua coragem, todos os meios que recebeu da natureza para sair do estado em que nasceu. Ele não vos importunará mais. Destruí, derrubai sem a menor piedade essas casas abomináveis que ainda por cima encobrem descaradamente os frutos da libertinagem do pobre, essas cloacas medonhas que todos os dias vomitam na sociedade um repugnante enxame de novas criaturas cuja última esperança é vossa bolsa. De que adianta, pergunto, conservar

com tanto zelo tais indivíduos? Teme-se que a França seja despovoada? Ah, jamais devemos ter esse medo! (SADE, 1999, p. 44).

O Marquês fala aos seus pares em suas obras, os libertinos; os demais, as vítimas, somente são preservados para prorrogar o gozo deles. A Senhora de Mistival, mãe de Eugénie, entra em cena *somente* no sétimo e último diálogo da obra em questão a fim de que a aluna ponha em prática o aprendizado adquirido.

A Senhora de Saint-Ange enfia-lhe o consolo no cu e na boceta; dá-lhe alguns socos; o cavaleiro é o próximo; percorre também as duas vias e a esbofeteia quando esporra. Augustin é o seguinte; age do mesmo modo e conclui com alguns piparotes em seu nariz. Durante esses diferentes ataques, Dolmancé percorre com seu instrumento os cus de todos os agentes, excitando-os com palavras. Vamos, bela Eugénie, fodei vossa mãe; enfiai primeiro na boceta (SADE, 1999, p. 191).

Esse é tão somente o prólogo de toda tortura a que Mistival é submetida, culminando em sua sodomização por um personagem sífilítico, ao que posteriormente tem seu ânus costurado pela própria filha, com “um grosso fio vermelho”²³ (SADE, 1999, p. 195), para que morra lentamente. Justine, modelo de virtude, personagem de *Os Infortúnios da Virtude*, que sofre toda sorte de adversidades ao longo de sua existência, é dilacerada²⁴ por um raio nas últimas páginas da novela. “O raio havia penetrado pelo seio direito, queimado o peito, e saído por sua boca, desfigurando seu rosto de tal forma que causava horror contemplá-la” (SADE, 2008, p. 185). Em *Os 120 dias de Sodoma*, dos 46 personagens descritos, somente 16 retornam, vivos, a Paris. Dentre os quais os quatro libertinos protagonistas dos 120 dias de orgias, três cozinheiras, uma das narradoras e outros oito, dentre meninos, meninas e fodeadores.

Percebe-se aqui a “classificação” ou “categorização” que Sade faz de suas vítimas. Somente são preservadas aquelas que se sujeitam às práticas dos

²³ Sobre tal simbologia, conforme análise de Camille Paglia, a “tortura por costura ocorre em outra parte em Sade, mas em nenhuma outra tão enfaticamente. Só aqui o fio é vermelho, sugerindo o arterial e umbilical. (...) Sade quer androginizar a mulher procriadora e mandá-la de volta ao mundo em humilhante esterilidade” (1992, p. 231).

²⁴ Encontramos muitos exemplos de dilacerações, mutilações e personagens deformados - sempre as vítimas - na obra sadiana, simbolismo da imperfeição, ser anti-natural. A natureza, por meio do libertino, age sempre no intento da punição. Conforme Chevalier e Gheerbrant em seu *Dicionário de Símbolos* (1999, p. 628), “o homem fica de pé sobre as duas pernas, trabalha com os dois braços, vê a realidade visível com os dois olhos. O deformado, o amputado, o estropeado têm isso em comum: acham-se colocados à margem da sociedade humana (...) pelo fato de que a paridade, entre eles, é atingida: eles participam, pois, daqui para a frente, da outra ordem, a da noite, infernal ou celeste, satânica ou divina”.

libertinos. Sujeitam-se, mas não participam como iguais, tal como, no exemplo, o personagem Augustin, “usado” nas orgias, mas que é retirado do *boudoir*, uma vez que não possui instrução, ou cultura, ou poder, mesmo no sentido econômico. Ou ainda, as meninas, meninos, fodedores, cozinheira e narradora, que tem, cada qual, um papel a desempenhar no retorno a Paris. E por que tal classificação, de um lado os libertinos e de outro as vítimas? É sempre o discurso do libertino que desencadeia a violência na obra sadiana, pois sua voz é lei. “A Natureza, mãe de todos nós, só nos fala de nós mesmo” (SADE, 1999, p. 80). Entretanto, este “nós” só se identifica ao libertino, “só ele pertence à casta privilegiada dos que entendem a ‘linguagem da volúpia’. É esse ato de reconhecimento que divide o mundo sadiano em duas categorias, os libertinos e as vítimas” (BORGES, 1999, p. 222). As vítimas - a segunda categoria - são a encarnação conceitual da virtude, do recato, da sensibilidade, alvos da crítica do Marquês. “Estes naturalmente jamais poderão ouvir a natureza, por estarem imersos em ilusões e preconceitos impostos pela moral e pela religião” (BORGES, 1999, p. 223).

Assim entendido, não podem ser agentes da violência contra o outro. Por terem sido demasiado piedosos e altruístas, seguem seu *coração* e “o coração engana, porque não é mais do que a expressão dos falsos cálculos do espírito; amadurecendo este, o outro imediatamente cederá” (SADE, 1999, p. 174). Sade, como adicto que é do espírito das Luzes, proclama a razão em detrimento da emoção e da sensibilidade. Mas seria a mesma razão apregoada pelos iluministas? Pois Sade, “ao contrário dos filósofos do século XVIII, constrói uma filosofia do exílio, demarcando o seu território privilegiado: a imaginação” (GIANNATTASIO, 2000, p. 148). A razão sadiana vincula-se a uma razão instrumental e ao individualismo levado ao seu extremo.

As vítimas são preservadas tão somente visando ao gozo do libertino. Daí dependerá sua sobrevivência. Cabe ressaltar, todavia, que o libertino necessita da vítima, do outro, seu objeto de gozo, pois sem esse elemento seu projeto está fadado ao fracasso.

A personagem-vítima com maior recorrência na obra sadiana é a figura da mãe, modelo máximo de feminilidade, de virtude, sentimento amoroso, aquela que gera e que ouve seu coração.

Encontram-se inúmeras referências ao feminino no imaginário mítico. Trata-se da personificação dos sentimentos, da sensibilidade e também da não razão. Além disso, conforme Junito de Souza Brandão (1994, p. 309) é muito comum a ideia da figura feminina devoradora:

(...) quer dizer, a *donzela venenosa*: Lâmia, as Harpias, Empusa, Esfinge, as Danaides, as Sereias... E não é também, em última análise, o sentido do mito de Pandora, que trouxe como presente de núpcias a Prometeu uma jarra ou *uma caixinha*, que, aberta, deu origem a todas as desgraças que pesam sobre os homens?

Nesse contexto, será que Sade pune com extremo rigor e violência suas personagens femininas, como um mecanismo de defesa e tentativa de livrar-se delas e não ser “devorado”?

Tomando o mito de Pandora como referência de análise, temos o objetivo com o qual presenteia seu noivo, o jarro ou *caixa*, conforme mencionado.

Ora, caixa, caixinha, em grego, diz-se *pyksís*, *pyksídos* que o latim clássico simplesmente transcreveu por *pyxis*, *-idis*. Do acusativo singular do latim popular *buxida*, de *buxis*, simples alteração de *pysis*, *idis*, temos o francês *boïste* e depois *boïte*, caixa, cofre pequeno e trabalhado e também cavidade de um osso, bem como o português arcaico *boeta* e o clássico *bocefa*, caixinha redonda, oval ou oblonga que, na linguagem chula, passou a ter também o sentido de vulva. (BRANDÃO, 1994, p. 309).

Segundo tais imagens, a atividade sexual da mulher viria a castrar, devorar o homem. Daí a preferência do devasso libertino pela prática da sodomia, penetra-se o ânus, mas raramente o vemos demonstrar interesse pela vagina.

Ao desnudar Eugénie, Saint-Ange elogia seu colo, ao que Dolmancé, sem ao menos tocar seus seios, e não compartilhando do êxtase da parceira, diz: “E que promete outros atrativos... infinitamente mais estimáveis” (SADE, 1999, p. 27). Dito isso, gira a jovem para examiná-la por trás, e é duramente repreendido por Saint-Ange:

Não, Dolmancé... não deveis ver ainda um objeto cujo império é demasiado sobre vós, para que, tendo-o uma vez na cabeça, possais em seguida raciocinar com sangue-frio. Necessitamos de vossas aulas; começai a ministrá-las, e os mirtos que desejais colher formarão depois vossa coroa (SADE, 1999, p. 27).

Iniciando a educação propriamente dita de Eugénie, Dolmancé desnuda-se e estende-se num canapé, enquanto Saint-Ange a instrui.

O cetro de Vênus que tens sob os olhos, Eugénie, é o primeiro agente dos prazeres do amor. Denomina-se *membro* por excelência. Não há uma só parte do corpo humano em que ele não se introduza. Sempre dócil às paixões de quem o direciona, ele se aninha ali (*toca na boceta de Eugénie*), sua rota comum... a mais usada, mas não a mais agradável. E quando quer um templo mais misterioso, é com frequência aqui (*afasta-lhe as nádegas e mostra o olho do cu*) que o libertino vem gozar. Mas falaremos depois deste gozo, o mais delicioso de todos (SADE, 1999, p. 28-29).

Nesse trecho, duas imagens se mostram particularmente esclarecedoras no que tange às dimensões masculina e feminina: o “cetro” e o ânus, ou buraco. Este último simbolicamente representa a abertura para o desconhecido. Desconhecido, mas não temerário a Sade, tal como a vagina devoradora. No plano imaginário, o “buraco pode ser simbolicamente considerado *o caminho do parto da ideia*” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1999, p.148), ao passo que a boceta remete ao nascimento, ideia que Sade repudia. O “cetro”, o pênis, carrega em si a força e a autoridade suprema do macho viril, “modelo reduzido de um grande bastão de comando: é uma vertical pura, o que o habilita a simbolizar, primeiramente, o homem enquanto tal; em seguida, a superioridade deste homem feito chefe” (p.226). Muitas vezes encontramos essa imagem da virilidade em personagens femininas, chegando a ser anatômica.

Madame de Champville, de *Cento e vinte dias de Sodoma*, e a bela freira madame de Volmar, de *Juliette*, têm clitóris de dez centímetros. Madame Durand tem uma vagina obstruída e um clitóris do ‘tamanho de um dedo’, com o qual pratica sodomia em mulheres e garotos. Nessas cruéis penetradoras, Sade cria uma nova persona sexual aberrante: a mulher sodomita ativa. Sade e Baudelaire gostam do lesbianismo por sua aura de não-natural. A mulher desperdiça sua energia reprodutiva em si mesma (PAGLIA, 1992, p. 225).

Nesse sentido, a mãe, conforme indicado anteriormente, sintetiza e dá forma a toda aversão e repulsa que Sade carrega do feminino. Ela possui o ventre que concebe e gera a vida.

Sabemos a que níveis chega a aversão às “mães de família” cultivada pelos personagens sadianos. A mãe representa, por excelência, o espaço do lar e, com ela, os ideais de infância, de educação das

crianças, de amor pela família etc. Talvez nenhum livro expresse tão bem essa aversão quanto *La philosophie dans le boudoir*: ao contrário da educadora do lar – a quem cumpre instruir os filhos sobre os bons costumes ditados pela virtude –, Mme. De Saint-Ange, a preceptora libertina, forma sua discípula Eugénie por meio de uma educação erótica, ensinando-lhe a arte da sedução e as mais requintadas formas de se alcançar o prazer (MORAES, 2011, p. 16-17).

Se a intenção, fim último de todo libertino, é o gozo - e o gozo novamente -, temos uma correlação emblemática desse fluido seminal com o que é derramado pelas vítimas, qual seja, a lágrima. Conforme Augusto Contador Borges: “A lágrima é o gozo dos virtuosos” (1999, p. 229). Nas palavras de Justine, ao compreender a relação lágrima versus gozo, nos momentos que antecedem sua defloração por quatro celerados libertinos:

Jogo-me aos pés de Raphael, emprego todas as forças de minha alma para suplicar-lhe para não abusar de meu estado, as lágrimas mais amargas vêm inundar seus joelhos, e tudo que minha alma consegue me ditar de mais patético, ousa tentar chorando, mas eu ainda não sabia que as lágrimas são um atrativo a mais aos olhos do crime e da devassidão, ignorava que tudo o que tentava para comover esses monstros só conseguiria inflamá-los... (SADE, 2008, p. 101).

Para o devasso, o gozo é a láurea do vício, para a vítima, é a lágrima que soleniza a virtude.

CAPÍTULO III - ALGUMAS CATEGORIAS-CHAVE NA OBRA DE SADE

3.1. A viagem

Acerca dessa categoria em particular, essencial para o entendimento do imaginário sadiano e para a formação do libertino, Roland Barthes (1971) inicia seu trajeto se detendo numa característica constante na obra sadiana, qual seja, a viagem.

“Viaja-se muito em certos romances de Sade”, afirma (p. 19). A viagem tem o caráter de iniciação, todavia, segundo Barthes, a viagem sadiana nada ensina. Sade se vale desse recurso para provar que o vício e a virtude são ideias que dizem respeito a determinada localidade; variando-se o local variam-se os costumes. Conforme Eliane Robert Moraes:

O herói sadiano reunirá as características dos viajantes setecentistas: alegre aventureiro, mas também rigoroso observador, estudioso das alteridades que se faz igualmente observado por elas. Se sua viagem é uma aventura, nem por isso prescinde de método: ‘O filósofo que corre o mundo para se instruir deve acomodar-se a todos os costumes, todas as religiões, toda espécie de tempo, todos os climas, leitões e comidas, deixando ao voluptuoso da capital os seus preconceitos... o seu luxo...’ – adverte o viajante-filósofo de Sade, compartilhando as teses de Rousseau (1994, p. 45).

E por que as personagens de Sade viajam tanto? Contrapondo-se à ideia de Barthes sobre a viagem como *iniciação*, Eliane dirá que a viagem do herói sadiano não é iniciática, pois a iniciação pressupõe a passagem de um estado para outro.

Os ritos de passagem operam uma transformação no sujeito: o iniciado deve deixar algo para trás ao aceder ao conhecimento que lhe é revelado, a fim de assumir uma nova identidade. A viagem, nesse caso, viabiliza tal transformação e, ao retornar, o sujeito não é mais o mesmo (MORAES, 1994, p. 47-8).

Entretanto, sem a viagem, não há o deboche. Ao mero pretexto contrapõe-se então a condição essencial do deboche; contra o “nada ensina” de Barthes, insinua-se a ideia da viagem como experiência fundadora da libertinagem.

A viagem é a oportunidade de o libertino conhecer outros devassos e de realizar seus maiores crimes: Minski de Gernande²⁵, que sangra sua mulher a cada quatro dias, faz a volta ao mundo deixando um enorme número de mortos; Juliette assassina cerca de 50 mil pessoas, 20 mil somente na Itália; Jerônimo o Monge, encontra libertinos ainda mais cruéis que ele próprio que o ajudam a roubar e matar dezenas de vítimas. Na matemática libertina quanto maior o número de vítimas maior sua porção de felicidade.

3.2. O banquete – cerimonial dos excessos

Sade devota vasta importância a tal categoria em seu sistema lascivo. Lê-se em dois artigos do Estatuto da Sociedade dos Amigos do Crime:

16º Todos os excessos de mesa são autorizados; todo o socorro e toda a assistência são dados ao irmão que se entregar a isso; todos os meios possíveis são aqui fornecidos para satisfazê-los.

[...]

40º Comodidade, liberdade, impiedade, crápula, todos os excessos da libertinagem, todos os do deboche, da gula, daquilo que, numa palavra, chama-se de sujeira da luxúria, reinarão imperiosamente nesta assembleia (BORGES, 1988, p. 72 e 75).

“Sabemos o que comem os libertinos”, diz Barthes (1971, p. 21). Sabemos, por exemplo, que no dia 10 de novembro, em Silling, os cavaleiros restauraram-se, de madrugada, com uma colação improvisada composta de ovos mexidos, sopa de cebola e de omeletes. Esses pormenores (e muitos outros) não são gratuitos. Na Introdução d’*Os 120 dias de Sodoma*, lemos este convite de adesão ao leitor:

Esta é a história de uma magnífica refeição em que seiscentos pratos diversos serão oferecidos a teu apetite. Apreciarás todos? Não, sem

²⁵ Personagem de “La Nouvelle Justine”.

dúvida! Mas esse número prodigioso ampliará os limites de tua escolha, e, encantado por esse aumento de faculdades, não te atrevas a repreender o anfitrião que te presenteia. Faze o mesmo aqui: escolhe e deixa o resto, sem vituperar contra esse resto sob pretexto que não tem o talento de te agradar. Lembra-te que agradará a outros, e sejas filósofo (SADE, 2011, p. 62).

Ao apresentar sua obra como um “cardápio de paixões”, Sade esclarece que a escolha de aceitarmos ou não o convite ao “banquete”, está diretamente ligado ao intelecto e à sensualidade.

A alimentação, para Sade, é uma questão hierárquica, de casta, submetida, por isso, à classificação. Segundo Barthes (1971, p.21-22):

A alimentação libertina ora é sinal de luxo, sem o qual não há libertinagem, não porque o luxo seja voluptuoso “em si” – o sistema sadiano não é simplesmente hedonista – mas porque o dinheiro lhe é necessário garante a divisão entre pobres e ricos, escravos e senhores. “Quero sempre sobre ela”, diz Saint-Fond ao passar a gestão de sua mesa a Juliette, “as iguarias mais delicadas, os vinhos mais raros, as caças e as frutas mais extraordinárias”. (...) Além disso, a alimentação, para o senhor, tem duas funções. Por um lado, restaura, recupera os enormes gastos de esperma produzidos pela vida libertina; poucas partidas não são introduzidas por uma refeição e compensadas em seguida por “confortativos restauradores”, chocolate ou torradas ao vinho de Espanha. (...) Tais são as funções da alimentação na cidade sadiana: restaurar, envenenar, engordar, evacuar; todas se determinam em função da luxúria.

Aliada ao rigor do cardápio e da ambientação, está a competência do serviço:

Os duzentos convidados da ceia da Sociedade, dispostos em pequenas mesas, são ‘esplêndida e magnificamente’ servidos em cada uma delas por dois irmãos leigos que exercem suas funções ‘com tanta propriedade como presteza’. Em Silling, a tarefa fica a cargo das mulheres – as esposas no almoço e as meninas na ceia -, que, estando completamente despidas, são comandadas pelas velhas governantas, eventualmente fantasiadas de feiticeiras. Nos *Crimes*, o serviço é singular: ‘Uma música doce e voluptuosa se faz ouvir do alto da abóbada, e, no mesmo instante, vinte jovens ninfas descem dos ares e servem a mesa com tanta arte como prontidão. Passados dez minutos, outras divindades aéreas retiram o antigo serviço e o renovam com a mesma rapidez, parecendo perder-se ao subirem novamente para dentro das nuvens que giravam sem parar no centro da abóbada’(SADE *apud* MORAES, 1994, p. 140-141).

Sade reserva absoluta importância no que tange à *gastronomia*. Assim reza o artigo 16º do Regulamento da Sociedade dos Amigos do Crime: “Todos os

excessos de mesa são autorizados; todo o socorro e toda a assistência são dados ao irmão que se entregar a isso; todos os meios possíveis são aqui fornecidos para satisfazê-los” (SADE, 1988, p. 72). Percebe-se que há uma expectativa em relação às extravagâncias gastronômicas dos libertinos. Mas, “por que tanto investimento em tais prazeres?” pergunta Eliane Robert Moraes. E é ela mesma quem nos responde:

‘Não existe nenhuma razão para se considerar um capricho de mesa menos extraordinário que um capricho de cama’ (SADE *apud* MORAES, 1994, p. 142) – afirma Clément a Justine, dando pistas para uma resposta ao acentuar o privilégio que a libertinagem confere às volúpias do corpo. Daí a fundamental diferença entre uma boa refeição e um ato moral: “um bom jantar pode causar uma volúpia física, enquanto salvar três milhões de vítimas, mesmo para uma alma honesta, só custaria uma volúpia moral”, segundo uma nota de *Juliette*, que conclui afirmando a inegável superioridade da degustação (1994. P. 142).

O convite que Sade nos faz ao banquete tem, portanto, um caráter dúbio, uma vez que tal cerimonial dos excessos diz respeito ao desfrute da consumação, mas também das vítimas.

3.3. O dinheiro

Na Introdução a *Os 120 dias de Sodoma*, Sade, dirigindo-se diretamente a seus leitores, elucida de que forma os quatro libertinos organizam a jornada lasciva que está por vir:

A sociedade mantinha um fundo comum que cada um deles administrava alternadamente, durante seis meses; os recursos desse fundo, apenas destinados aos prazeres, eram imensos. A fortuna excessiva de cada um lhes permitia coisas muito singulares neste ponto e o leitor não se deve espantar quando souber que, a cada ano, dois milhões eram destinados aos prazeres da boa mesa e da lubricidade (SADE, 2011, p. 17).

O poder econômico para o libertino reforça a libertinagem como um jogo de aristocratas, é:

...um universo hierárquico, uma grande oligarquia do prazer, à qual não tem acesso as classes inferiores. De um lado, a cúpula, do outro, a massa, o mundo das vítimas. Mas as próprias vítimas são de preferência bem-nascidas. Há um prazer especial em torturar a filha de um alto magistrado, em sodomizar o filho de um nobre de província. O povo está excluído, é desprezado. (ROUANET, 1990, p.187)

É a essa classe privilegiada que pertence o libertino, sempre afortunados e poderosos, capazes de satisfazer sua luxúria, porque detém os meios necessários.

Percebe-se que os preparativos dessas volúpias custaram muito dinheiro e muitos crimes. Com pessoas assim, de pouco valiam os tesouros e, quanto aos crimes, vivia-se num século em que ainda não eram investigados e punidos como começaram a sê-los desde então. Tudo saiu bem, que nossos libertinos jamais foram perturbados com as consequências e não houve senão algumas buscas (SADE, 2011, p. 43).

No *terceiro diálogo* de *A filosofia na alcova*, a Senhora de Saint-Ange explica a Eugénie como conquistou sua liberdade após um conveniente matrimônio, muito rendoso:

Eu era rica; pagava jovens que me fodiam sem me conhecer. Rodeava-me de lacaios charmosos, seguros de gozar comigo os mais doces prazeres, caso fossem discretos, e certos de serem despedidos caso dissessem uma só palavra. Não fazes ideia, meu caro anjo, da torrente de delícias em que mergulhei deste modo (SADE, 1999, p. 56).

O *dinheiro* sadiano, para Barthes, tem duas funções diferentes. Nas palavras do autor:

Parece ter primeiro um papel prático: permite a compra e a manutenção dos serralhos; mero instrumento, não é então nem estimado nem desprezado; apenas deseja-se que ele não seja um obstáculo à libertinagem; é assim que, na Sociedade dos Amigos do Crime, prevê-se um desconto para um contingente de vinte artistas ou literatos, de pouca fortuna, como se sabe, a quem 'a sociedade, protetora das artes, quer conceder essa deferência' (...). O dinheiro prova o vício e entretém o gozo: não porque proporcione prazeres (em Sade, aquilo que 'dá prazer' nunca está ali 'pelo prazer'), mas porque garante o espetáculo da pobreza; a sociedade sadiana não é cínica, é cruel; ela não diz: é necessário que haja pobres para que haja ricos; diz o contrário: é necessário que haja ricos para que haja pobres; a riqueza é necessária porque constitui em espetáculo a desgraça (BARTHES, 1971, p. 26).

Assim, tanto pode servir como "instrumento" para aquisição do material de que o libertino necessita como também pode ser uma grande "honra" para aquele que o detém, visto que, quanto maior a riqueza acumulada pelo libertino, mais ela ilustrará a quantidade de crimes cometidos que lhe permitiram acumulá-la.

3.4. A Natureza

Antes de nos aprofundarmos na questão educativa sadiana, torna-se necessária a análise de uma última categoria, qual seja, a natureza, conceito basilar para a compreensão da filosofia sadiana.

Sade, em *A filosofia na alcova*, deseja educar. De imediato, inicia sua obra com a epígrafe “A mãe prescreverá sua leitura à filha”: nada mais *educador*. Contudo, o educar pressupõe valores; e o Marquês os tem. Conforme afirma Augusto Contador Borges:

No *Emílio*, Rousseau preconizava que desenvolvendo as potencialidades naturais da criança ela se afastaria dos males sociais tornando-se com isso um “adulto bom”. O que sustentava sua hipótese era a crença na bondade natural do homem. Em Sade, a natureza também é o modelo, mas não pode ser avaliada em termos de valores morais (1999, p. 214).

Numa concepção materialista, quem legisla o que será o bem e o mal é tão somente o homem. À natureza pouco importam tais conceitos ou valores, pois ela não tem finalidade e não serve a uma razão superior; entretanto, conforme Holbach, a natureza é inteligível e racional, pois pode ser compreendida e explicada pelo homem (Cf. REALE e ANTISIERI, 1990). Sabe-se, como vimos anteriormente, que Sade se interessa muito pelos *philosophes* do séc. XVII – La Metrie, Holbach, dentre outros. Todavia, leu-os bem ao seu modo, tomando-lhes o que lhe interessava. Percebemos, claramente, na obra sadiana um *télos* na natureza:

_ Está bem. Quer dizer, através de certos gostos que me foram dados pela Natureza terei servido os desígnios dela, a qual, lançando as suas criações através de destruições, só me inspira a ideia de destruição quando tem necessidade de criações. (...) E quando preferindo a sua felicidade à dos outros destrói tudo o que encontra ou o aflige, terá feito outra coisa além de servir a Natureza, cujas mais seguras inspirações lhe impõem ser feliz, não importando seja à custa de quem for? A ideia de amor ao próximo é uma quimera que devemos ao cristianismo, não à Natureza.(...)

_ Mas esse homem a que se refere é um monstro.

_ O homem de quem falo é o homem da Natureza (SADE, 1971, p. 147-48).

A natureza, em Sade, tem metas traçadas para suas criaturas: é um *agente* onisciente distinto de Deus. A natureza sadiana não pode ser tomada como um deus (ou Deus), mas antes, como um *agente universal*, como trata com frequência. Cito:

Mas, dir-se-á a este propósito, Deus e a natureza são a mesma coisa. Não é um absurdo? A coisa criada ser igual ao criador? Pode um relógio ser igual ao relojoeiro? A natureza não é nada, prossegue-se, é Deus que é tudo. Outra bobagem! Há necessariamente duas coisas no universo: o agente criador e o indivíduo criado. Ora, qual é este agente criador? Eis a única dificuldade que é preciso resolver, a única pergunta que é preciso responder (SADE, 1999, p. 39).

Sade desenvolve a ideia, respondendo à sua própria questão, de que o movimento é inerente à matéria e que as combinações desse movimento nos são desconhecidas. Conclui, então, bem a seu modo, que a matéria, devido à sua energia, cria, conserva e mantém tudo: as planícies, as esferas celestes... Tudo isso, ao ser contemplado, nos enche de emoção e respeito. Qual a necessidade, então, de se buscar um agente estranho a tudo isso, uma vez que tudo isso que admiramos não passa de matéria em ação? “Levando-se em conta a importância do movimento em Sade, (...) deve-se observar que, por trás de todo movimento, de toda ação boa ou má, estão as intenções da natureza que as determinam” (BORGES, 1999, p. 221). Assim entendido:

A natureza não é outra coisa que união, dispersão e reunião de elementos, perpétua combinação e separação de substâncias. Não há vida ou morte. Muito menos repouso. Sade imagina a matéria como um movimento contraditório, em expansão e contração incessantes. A natureza destrói a si mesma; ao se destruir, se cria. As consequências filosóficas e morais dessa ideia são muito claras: (...) desaparece a distinção entre criação e destruição. Na verdade, nem sequer é legítimo empregar essas palavras. São nomes, mas nomes enganosos, com os quais designamos algo que nos escapa e às nossas armadilhas verbais. Chamar de criação o crescimento do trigo e de destruição o granizo que o dizima pode ser certo do ponto de vista do lavrador; seria um abuso, e um abuso ridículo, outorgar a essa modesta observação validade universal. A atitude filosófica é contrária: se o homem é um acidente, seus pontos de vista são acidentais. Vida e morte são pontos de vista,

coisas fantasmagóricas tão ilusórias quanto as categorias morais (PAZ, 1999, p. 61-2).

Conforme Octavio Paz, instalar a natureza no lugar antes ocupado pelo Deus Cristão não é uma ideia original de Sade, mas de seu século. Cito:

“Porém sua concepção não é a vigente em sua época. Seu libertino não é o bom selvagem e sim uma fera pensante. Nada mais longe do filósofo natural que o ogro filósofo de Sade. Para Rousseau, o homem natural vive em paz com a natureza também pacífica; se abandona na sua solidão, é para restaurar entre os homens a inocência original. O solitário de Sade se chama Minski²⁶, um ermitão que se alimenta de carne humana. Sua ferocidade é da natureza, em perpétua guerra com suas criaturas e consigo mesma. Quando um desses anacoretas deixa seu retiro e redige constituições para os homens, o resultado não é *Do contrato social*, mas os estatutos da Sociedade dos Amigos do Crime. Diante da impostura da moral natural, Sade não edifica a quimera de uma natureza moral (PAZ, 1999, p. 59)”.

Segundo o Marquês, as virtudes, calcadas na moral religiosa, são contra a Natureza Humana, impedindo-a de ser feliz. Sade constrói uma filosofia em que o incesto, o assassinato, o roubo e os excessos libertinos são fundamentados na natureza, “um princípio criador onisciente, que tem metas traçadas para as suas criações. Ocupa, portanto, o lugar de Deus” (BORGES, 1999, p. 220-21).

Ora, sendo natural, por que assim não o somos? A resposta do Divino Marquês é que nunca deixamos de seguir nossos impulsos naturais. Entretanto, somos como que forçados a todo instante a controlá-los e impedi-los. Isso se deve ao fato de o homem ter optado por seguir um Ser onipotente e onisciente e Seus mandamentos. Das leis metafísicas universais surgem as virtudes, que tendem a impedir os excessos naturais ao homem, afastando-o da Natureza. Diz o Marquês "Haverá algum sacrifício feito a essas falsas divindades que valha um só minuto dos prazeres que sentimos ultrajando-as? Ora, a virtude não passa de uma quimera cujo culto consiste em imolações perpétuas, em inúmeras revoltas contra as inspirações do temperamento. Serão naturais tais movimentos? Aconselhará a natureza o que a ultraja?" (SADE, 1999, p. 37).

²⁶ Minski de Gernande, personagem de “La Nouvelle Justine”.

Outro dado importante quanto à não entrega de si às *leis naturais* é o que diz respeito à *voz da natureza*: “a natureza, mãe de todos, só nos fala de nós mesmos” (SADE, 1999, p. 80), afirma. Entretanto, nem todos podem ouvi-la; somente o fazem os indivíduos que se encontram preparados: tarefa esta para a educação²⁷. A educação libertina visa à supressão das virtudes e o incentivo ao assassinato, ao roubo, ao gozo... Ações encontradas na natureza, pois são necessárias a ela:

Nossas ações não pesam, não tem substância moral alguma. São ecos, reflexos, efeitos dos processos naturais. Nem sequer são crimes: ‘O crime não tem realidade alguma; melhor dizendo, não existe a possibilidade do crime porque não há maneira de ultrajar a natureza’²⁸. Profaná-la é uma forma de honrá-la; com nossos crimes, a natureza elogia a si própria. (...) E nada podemos contra ela. Nossos atos e nossas abstenções, o que chamamos virtude e crime, são imperceptíveis movimentos da matéria (PAZ, 1999, p. 61).

Conforme Augusto Contador Borges, os libertinos – os que ouvem a natureza - são os indivíduos capazes de reproduzir no ambiente humano, materialmente, as condições naturais. A diferença existente entre o libertino e o filósofo é tênue: quiçá, os filósofos estejam mesmo aquém dos libertinos, uma vez que estes além de serem intérpretes racionalistas da natureza, também desempenham, em meio às suas criaturas, sua vontade. E, aos que se opõem a estas premissas, responde-lhes o Marquês: “... não há nada de horrível na libertinagem porque o que ela inspira também se encontra na natureza” (SADE, 1999, p. 102).

Sade, para melhor tecer suas críticas à moral da sociedade setecentista e ilustrar seu materialismo, vale-se de duas personagens extremamente contraditórias em suas crenças e em suas personalidades. Justine ilustra a virtuosa, a mártir da lei moral; todas as suas ações são realizadas segundo os princípios religiosos donde o amor ao próximo deve prevalecer. Juliette, entretanto, representa os ideais da libertinagem, com todo seu excesso, volúpia, crime e deboche, amaldiçoando a religião. Ao passo que Justine direciona todos

²⁷ Conceito que será abordado em capítulo posterior.

²⁸ “História de Juliette”, nota de Octavio Paz.

os seus atos e pensamentos para o sacramento, Juliette, sua irmã, lança-se ao sacrilégio. Assim o Marquês define as duas irmãs:

(...) Justine, (...) que acabava de completar doze anos, possuía um caráter triste e melancólico, era dotada de ternura e sensibilidade surpreendentes e, em vez da sagacidade e da finura da irmã, tinha apenas uma ingenuidade, uma candura e uma boa fé que a fariam cair em muitas ciladas, essa sentiu todo o horror da sua situação. A fisionomia de Justine também era muito diferente da de Juliette. Enquanto nas feições de uma se notava artifício, astúcia e garradice, nas da outra admiravam-se pudor, delicadeza e timidez. Um ar de virgem, grandes olhos azuis cheios de interesse, uma pele maravilhosa, figura esbelta e leve, voz melodiosa, dentes de marfim e belos cabelos louros (SADE, 1998, p. 10).

Tal é o retrato da virginal Justine pintado por Sade. Juliette, por sua vez, dedica toda sua vida aos crimes, que, segundo ela, trazem a liberdade e a riqueza. Individualista ao grau máximo ela não vê limites para seus atos, eliminando um número surpreendente de pessoas simplesmente para saciar sua insaciável sede de prazer²⁹. Seu comportamento ilustra os comportamentos declarados tabus pela civilização, mas que, ainda assim, continuaram a ser praticados por toda a história de forma “subterrânea”. Simpatizante do Antigo Regime, ela glorifica o pecado.

Sade põe na boca de Juliette toda sua filosofia materialista e libertina. Ele a cria completamente avessa aos ditames religiosos. Ateia ao extremo, crê fielmente na ciência e na razão. E é com tais instrumentos que se arma para afirmar o absurdo de se crer num Deus e em seu filho morto, no Decálogo, no pecado e em toda e qualquer virtude metafísica.

Juliette, e todas as demais personagens libertinas sadianas, seguem uma visão materialista acerca da natureza. Entretanto, conforme afirmamos anteriormente, tais libertinos não a dominam, mas entregam-se às suas próprias necessidades desideratas que, segundo Sade, nada são além de princípios naturais de todo ser humano que se dispõe a ouvi-la.

A natureza, bem como as demais categorias e imagens abordadas nesse capítulo, é necessária e imprescindível no pensamento de Sade. Toda sua filosofia e sua libertinagem estão embasadas nos princípios naturais. Tudo o que

²⁹ Em *A Nova Justine, ou As desgraças da Virtude, seguida da História de Juliette, sua irmã (ou as Prosperidades do Vício)* serão assassinadas cerca de 50 mil pessoas em todo o romance (Cf. PEIXOTO, 1979).

parece errado, segundo a virtude, é certo, visto *na* natureza. Todas as ações que parecem chocar as leis, ou as instituições humanas podem ser demonstradas nela, dirá o libertino. Com seus argumentos enraizados na natureza, Sade se livra de extensas explicações; o que é natural não se discute, ademais, se “é natural, não há lugar para a moral” (PAZ, 1999, p. 60). Daí tantas críticas às suas obras, considerando-as cansativas ou repetitivas. Sade não desenvolve longamente seus *discursos*, limita-se a repetir diversas vezes o que afirmou anteriormente. Ao discorrer sobre a destruição, o incesto, o roubo, a sodomia, o autor rapidamente desenvolve sua retórica e parece chegar sempre ao mesmo lugar: é natural, pois encontramos as mesmas ações na natureza. Os únicos valores a serem seguidos e ensinados são os encontrados nela - aceitando a *contradictio in adjecto* existente.

CAPÍTULO IV – OS (DES) PROPÓSITOS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTINA

4.1. Luzes na alcova

A filosofia na alcova, com o subtítulo “Os preceptores imorais”, tem a nítida finalidade de ser um “tratado de educação”, mesmo que uma educação “às avessas”, ou, ainda, uma reeducação:

A pedagogia do filósofo-libertino só se pode fazer a contrapelo da educação religiosa e moral, cujos princípios ele tem que subverter e renegar; sua operação constitutiva institui-se como estratégia de erradicação, extirpação e negação da educação religioso-moral (GIACÓIA, 1997, p. 173).

O tema da obra é a educação (nos vícios) da jovem Eugénie. Dois experientes libertinos farão as vezes de seus preceptores, são eles: Dolmancé e Madame de Saint-Ange. “O raciocínio dela é mais vulgar, mais superficial, baseado nas sensações experimentadas em sua vida de vício. O raciocínio de Dolmancé é intelectual, penetrante, inteligente” (PEIXOTO, 1979, p. 195). Saint-Ange esclarece seu “plano educacional”, num diálogo com seu irmão e amante, o Cavaleiro de Mirvel:

SAINT-ANGE - Trata-se de uma educação; é uma garota que conheci no convento o outono passado, enquanto meu marido estava numa estação de águas. Não pudemos fazer nada lá, e nem poderíamos ousá-lo com tantos olhos fixos sobre nós; mas prometemos mutuamente nos reunir assim que fosse possível. Dominada por este desejo, travei conhecimento com sua família para poder satisfazê-lo. Seu pai é um libertino... que logo cativei. Enfim, a bela está para chegar; estou aguardando-a. Passaremos dois dias juntas... dois dias deliciosos. Pretendo a maior parte do tempo cuidar da educação da moça. Dolmancé e eu incutiremos em sua linda cabecinha todos os princípios da libertinagem mais desenfreada. Abrasá-la-emos com nosso fogo; nossa filosofia lhe servirá de alimento e nossos desejos de inspiração. CAVALEIRO – (...) Que prazer terá educando esta criança! Como será delicioso corrompê-la, abafar num coração juvenil as sementes de virtude e de religião que suas preceptoras lhe incutiram! Na verdade, é *devassidão* demais para mim.

SAINT-ANGE – Seguramente não pouparei nada para pervertê-la e pôr de pernas para o ar todos os falsos princípios morais com que já a atordoaram. Quero, com duas lições, torná-la tão celerada quanto eu... tão ímpia... tão debochada. Previne Dolmancé, põe-no a par de tudo logo que chegar, para que o veneno de suas imoralidades, circulando nesse

jovem coração, mais o que vou inocular, arranque em poucos instantes todas as sementes de virtude que aí possam germinar sem nós (SADE, 1999, 19-20).

Cabe, todavia, ressaltar que o libertino não educa qualquer um, ele somente educa aquele que já tem em si a disposição de se dedicar ao vício e ao crime; como é o caso de Eugénie: “Ah, se eu não souber tudo, ficarei... Vim aqui para me instruir e só irei embora quando for sábia. (...) acho que também tenho algumas disposições para tal vício” (SADE, 1999, pp. 23 e 175). Barthes, entretanto, classifica esses “modelos educacionais” e divide-os em dois: um voltado para as vítimas e outro, bem singular, aos senhores:

Aquelas [as vítimas] são submetidas às vezes a cursos de libertinagem, mas são, se assim se pode dizer, cursos de técnica (lições de masturbação todas as manhãs em Silling), não de filosofia; a escola empresta à pequena sociedade vitimal o seu sistema de punições, de injustiças e de arengas hipócritas (o protótipo disso é, em *Justine*, o estabelecimento do cirurgião Rodin, ao mesmo tempo escola, serralho e laboratório de vivissecção). Para os libertinos, o projeto educativo tem amplitude maior: trata-se de chegar ao absoluto da libertinagem: Clairwil é dada como professora a Juliette, embora já bem avançada, e a própria Juliette é encarregada por Saint-Fond de uma preceptoría junto à sua filha Alexandrine. O domínio que se busca é o da filosofia: a educação não é a desta ou daquela personagem, é do leitor (BARTHES, 1971, p. 148).

Outro ponto na educação sadiana é que ela nunca permite passar de uma classe para outra. “Justine, a quem tantas vezes se repreende em capítulo, jamais deixa seu estado vitimal” (BARTHES, 1971, p.148), assim como os libertinos de *A filosofia na alcova* não se dão ao trabalho de educar a Senhora de Mistival – mãe de Eugénie – defensora da moral cristã e das virtudes. Outra personagem de grande importância, apesar do pouco tempo que participa das orgias na *Alcova*, é Augustin: “jovem jardineiro de feições deliciosas, de dezoito ou vinte anos” (SADE, 1999, p. 94) que Saint-Ange traz à alcova para servir de modelo nas lições ministradas por Dolmancé. Augustin é a “exceção” do que anteriormente foi exposto, pois participa das orgias, somente sendo violentado para se aumentar o prazer, nunca para punir. Desse modo, Augustin não pode ser comparado à vítima. E, ainda que participe ativamente das cenas lúbricas, também não se enquadra na “classe” dos libertinos. É Barthes (1971, p.148) novamente quem pode nos esclarecer:

Sua posição social é marcada duas vezes: primeiro, pelo estilo das suas frases ('Ah! tá solto! boca bonita!... Que fresquinha que é!... Parece que tô com o nariz em cima das rosas do nosso jardim... Também, tá vendo, siô, o que é que isso dá!'), estilo com que a sociedade aristocrática se diverte com algum esnobismo, como um exotismo rural ('Ah! encantador!... encantador!...'); em seguida e mais seriamente, pela exclusão da linguagem que lhe impõem: no momento em que Dolmancé se dispõe a ler para seus companheiros o panfleto *Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos*, mandam Augustin sair: 'Sai, Augustin: isto não é feito para ti; mas não te afastes; tocaremos a sineta quando for preciso que reapareças'.

Conforme Barthes, aqui a moral é invertida, pois manda-se que se retire o adulto, o sujeito da devassidão (e não a criança, como é de praxe), para que não ouça o discurso filosófico que virá a seguir. Assim, Augustin permanece em sua condição "ignorante"³⁰, visto que serve somente como *instrumento* de prazer às demais personagens. Nenhum *discurso educativo* lhe é destinado; "ele é o *popular* puro, que dá o frescor de seu corpo e de sua linguagem: em nada é humilhado, mas somente excluído" (BARTHES, 1971, p.148).

Após essas digressões, suas personagens passam, imediatamente, à prática, entregando-se aos impulsos que terminaram de teorizar: a *práxis* sadiana.

O outro, para Sade, "é a condição do gesto transgressor" (BORGES, 1999, p. 240). Clemente, um dos Monges Beneditinos de *La nouvelle Justine*, assim disserta sobre o egoísmo libertino:

Não, Justina, não deixarei de repetir... é perfeitamente inútil repartir um gozo para fazê-lo vivo e tornar esta espécie de prazer tão picante quanto é suscetível de ser; ao contrário, é essencial que o homem só goze às custas da mulher, que arranque dela (qualquer sensação que ela sinta) tudo o que lhe permita das maior prosperidade à volúpia que queira gozar, sem a menor consideração pelos efeitos que disso possam resultar para uma mulher, pois tais atenções o perturbarão: querendo que a mulher compartilhe, ou ele não gozará mais ou temerá que ela sofra e ficará desconcertado. Se o egoísmo é a primeira lei da natureza, bem mais seguramente que noutra lugar, é nos prazeres da lubricidade que esta mãe celeste deseja que ele seja o nosso único móbil (SADE, 1988, p. 286).

E, segundo palavras do devasso Dolmancé:

³⁰ Conforme Gabriel Giannattasio: "Esta imagem nos oferece com clareza a perspectiva cética cultivada por Sade em relação aos objetivos da educação pública" (2000, p. 30).

O que se deseja quando se goza? Que todos aqueles que nos rodeiam só se ocupem de nós, só pensem em nós, só cuidem de nós. Se os objetos que nos servem também gozam, ei-los mais ocupados consigo próprios do que conosco, e conseqüentemente nosso prazer será prejudicado. (...) Levado por um movimento de orgulho muito natural nesse momento, ele quer ser o único no mundo a ser suscetível de experimentar o que sente (SADE, 1999, p. 176).

Ao devasso não cabe o *altruísmo* no gozo. Se seu *objeto*, conforme anuncia Dolmancé, também sentir prazer, então, libertino e vítima irão se encontrar numa *igualdade*, prejudicando com isso os atrativos individuais que deveria sentir. Seu prazer termina por diminuir quando o outro também o sente. O egoísmo individualista sadiano nasce do desejo incondicional e afirmador de si próprio e de seu ser.

Ao final do quinto diálogo de *A filosofia na alcova*, o libertino Dolmancé apresenta uma brochura, comprada naquela manhã no Palácio da Igualdade, intitulada “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos”. Neste panfleto, o Marquês irá ilustrar tudo o que até o momento foi discursado, detendo-se especialmente na *religião* e nos *costumes*. Esse texto aponta para a “necessidade de uma moral que ‘dirija os costumes’ e ‘que seja como que o seu desenvolvimento, sua consequência necessária” (BORGES, 1999, p. 234). Também Fernando Peixoto vai desenvolver a ideia de que, ao se apresentar o panfleto “Franceses...”, “toda a proposição filosófica do livro ganha uma amplificação necessária: não se trata mais da defesa individual do prazer, feita por um personagem, mas de uma reivindicação de caráter sócio-política feita em nome de toda a coletividade” (1979, 198).

É contra essa ideia de que Sade apresenta uma “moral”, ou um conjunto de normas de costumes endereçadas à coletividade que devemos nos contrapor. Naturalmente, no *panfleto*, Sade apresenta uma utopia libertina para além de seus espelhos alcoviteiros, mas entendemos, isto sim, que sua voz é dirigida a *cada indivíduo desta coletividade*. Segundo palavras de Peixoto (1979, pp. 200-201 e 203):

As leis estão, assim, em contradição com o interesse pessoal, e a pessoa difere sempre do geral. As leis talvez sejam boas para a

sociedade, mas são más para os indivíduos. Também a teoria do gozo é individualista ao extremo: não se deve permitir que o companheiro goze durante o ato sexual. (...) As leis devem respeitar as individualidades e o cidadão não pode ser limitado ou reprimido pelos demais.

Embora Sade se dirija à coletividade, ainda assim estará se voltando para cada indivíduo desta sociedade, sempre interessando no prazer e felicidade de cada eu. “As leis não são boas por não atenderem ao interesse individual. (...) Assim, os ‘novos costumes’ deverão satisfazer o indivíduo, elevando seu desejo à categoria de lei” (BORGES, 1999, p. 241). Na utopia sadiana, todos os que se submeterem às suas leis, à sua ética, terão seus desejos satisfeitos. Serão felizes.

A ética sadiana, ainda que comportando o caráter de universalizante, somente se dirige ao indivíduo. Ao indivíduo que ouve a voz da Natureza. “Saber ouvir a natureza é reconhecer que, no indivíduo, a volúpia é a sua manifestação mais viva. (...) Saber ouvir a natureza, portanto, é ouvir a si próprio. (...) ‘A natureza fala de nós próprios’” (BORGES, 1999, p. 222).

O que a natureza deseja é o crime.

‘O crime tem por si só um tal atrativo, que, independente de toda volúpia, ele pode ser suficiente para inflamar todas as paixões e atirar no mesmo delírio os próprios atos da lubricidade’. A “lubricidade” permanece o assunto da obra de Sade; ela expressa a simbiose entre o sexo e violência, desdobrando esse registro em figuras inumeráveis – escatológica, sodomia, etc. – qualificada pela psicanálise, com razão, de “sádico-anal”. Mas Sade, tendo levado ao cúmulo a dupla sexo-violência, abandona esta saturação sexual de modo quase “experimental”, para abordar com toda liberdade o terreno do político, sob o signo de um racionalismo violento. Ele pede à filosofia para ‘armar-se dos pés à cabeça para exterminar um Deus em prol do qual imolam-se tantos seres que valem mais do ele’ (DADOUN, 1998, p. 90-91).

Assim entendido, a natureza – que dita as ações ao homem, nas quais está alicerçada toda filosofia (e também a ética) do Marquês – e o homem se confundem. Natureza e indivíduo são *unos*. Ela “se encontra no fundo dos seres” (BORGES, 1999, p. 220). Conforme Dolmancé: “A natureza, mãe de todos, só nos fala de nós mesmos; nada é tão egoísta quanto sua voz” (SADE, 1999, p. 80). Ao ouvir a natureza o homem ouve a si próprio. Ao agir impulsionado por ela, age por um desejo que nasce em si próprio. Deste modo, se é a natureza quem dita

as ações do homem, se é nela que Sade funda sua ética, e, se natureza e homem se confundem, logo, a ética sadiana somente pode ser concebida se a compreendemos fundamentada no indivíduo, que age segundo seus *impulsos naturais*, única e exclusivamente.

“A revolução de Sade começa na palavra”, afirma Contador Borges (1999, p. 234). Sade somente entende o Estado revolucionário a partir de uma profunda e radical transformação, em que a libertinagem teria papel fundamental. Cito:

Para Sade, nada é tão oposto ao sistema da liberdade republicano quanto os dogmas do cristianismo. (...) São dois tipos diferentes de organização social. O cristianismo combina mesmo é com o Antigo Regime. Desde a Idade Média, esta aliança era mantida com base no arbítrio da eleição divina de seus representantes. (...) Os revolucionários franceses substituíram a graça pela justiça e o direito divino pela liberdade. Cabe a Sade realizar a última volta da espiral, que, aliás, representa um “retorno à natureza”: substituir a justiça e a liberdade pelo despotismo da libertinagem (Ibid.).

Estando, pois, o cidadão republicano livre de toda ideologia religiosa, o dever maior do Estado é o de garantir todos os meios pelos quais tal cidadão se satisfaça da maneira que melhor lhe convier, propiciando a si mesmo sua felicidade. Em sua *História de Juliette*, Sade ilustra como uma sociedade fundada em tais princípios viria a funcionar:

Para que alguém seja admitido na Sociedade dos Amigos do Crime, é preciso que aceite determinadas regras segundo as quais, para satisfazer seus desejos, ele deverá saciar os desejos de outrem. (...) A República precisa de uma constituição que abrigue o desejo como lei suprema e garanta sua realização. (...) A lei, por sua vez, serve para racionalizar o desejo determinando as relações de poder. Todos, sem exceção, terão seus desejos satisfeitos à medida que se sujeitarem aos desejos dos outros. Num pacto dessa natureza, o desejo de cada também se instaura como desejo da Revolução, e, sendo um de seus princípios, torna-se lei universal (BORGES, 1999, p. 241).

Toda essa organização inflexível sadiana erigiu um primeiro monumento ao sentido do esclarecimento, delineando a perfeita relação entre o conhecimento e o plano, antecipando, empiricamente, toda a cooperação que podemos ver hoje nos esportes modernos. Sade, como os demais escritores sombrios da burguesia, nunca tentou distorcer as possíveis consequências do esclarecimento recorrendo a quaisquer doutrinas harmonizadoras. Sade levou a razão mais além, expondo ao esclarecimento uma verdade aterradora, sem véus e sem mistérios.

Concluindo com as palavras do Moribundo de Sade: “Meu amigo, conforma-te com a evidência de que cego é quem se veda com uma fita, não quem a arranca dos olhos. Tu edificas, inventas, multiplicas, eu destruo, simplifico. Tu acumulas erros sobre erros; eu combato todos. Qual de nós é o cego?” (SADE, 2001, p. 21). Este o papel que o Marquês de Sade se propõe com sua obra: extrair a fita que impede seu leitor de ver a verdade, sua verdade.

4.2. Sob os espelhos

“A cena se passa numa deliciosa alcova” (SADE, 1999, p. 25). *A filosofia na alcova* é o solo ideal onde Sade enterra as sementes de sua utopia, onde tece “uma descrição detalhada dessa possibilidade, (...) seu espaço de demonstração é o *boudoir*” (BORGES, 1999, p. 217). A alcova sadiana é o lugar ideal para todas as práticas licenciosas e imorais de suas personagens, conforme nos aponta Barthes, remetendo-se a outra obra do Marquês:

O modelo do lugar sadiano é Silling, o castelo que Durcet possui nas profundezas da Floresta Negra e no qual os quatro libertinos dos *120 Dias* enclausuram-se durante quatro meses com o seu serralho. Esse castelo está hermeticamente isolado do mundo por uma série de obstáculos que lembram bastante aqueles que encontram nos contos de fadas: um povoado de carvoeiros-contrabandistas (que não deixarão passar ninguém), uma montanha escarpada, um precipício vertiginoso que só se pode atravessar por uma ponte (que os libertinos mandam destruir, uma vez fechados no castelo), uma muralha de dez metros de altura, um profundo fosso com água, uma porta que mandam emparedar logo que entram, uma espantosa quantidade de neve, enfim (1971, p. 19-20).

Segundo Barthes, a clausura (ou alcova) sadiana tem dupla função, seja a de isolar e abrigar a luxúria dos libertinos, seja fugir aos olhos censores³¹. É somente dentro da alcova, dos subterrâneos, que o libertino é livre, onde se torna o que é. O simbolismo da clausura está diretamente ligado à ideia de instrução e iniciação. Cito:

Em todo ritual de iniciação apresenta-se uma prova, que é a passagem por uma câmara secreta: cubículo, subterrâneo, quarto fechado, buraco

³¹ A *alcova* desempenha importante papel na filosofia de Sade, pois é somente neste “espaço privado” que o libertino pode se realizar além de privilegiado local para a educação de suas personagens.

cavado no chão, clareira na floresta etc. É sempre um lugar afastado dos curiosos. Nesse local o iniciado é aspergido com água lustral ou com **sangue de uma vítima sacrificada** (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1999, p. 171). [grifo nosso]

Toda a obra de Sade é permeada por estes espaços reservados e privados:

(...) ele estará presente em toda a arquitetura sadiana. As celas do mosteiro de Saint-Marie-des-Bois são descritas como 'local encantador, mobiliado com gosto e voluptuosidade'; a própria Justine admite que, nelas, 'não faltava nada para tornar essa solidão tão agradável quanto adequada ao prazer'. Também em Silling encontramos variantes desse aposento: os quatro apartamentos ocupados por Durcet, Curval, Blangis e o Bispo contém, cada qual, um *boudoir* com 'esplêndidas camas turcas com dosséis de damasco em três cores', e um mobiliário 'adequado à lubricidade e ao conforto de seus ocupantes'. Há ainda no castelo um aposento semelhante, que serve a todos os senhores, destinado a entrevistas particulares, concursos retirados e 'outras volúpias secretas'. Não há habitação do deboche que não contemple esse espaço fechado, privado, íntimo, que, na obra sadiana, ganha sua expressão máxima em *La philosophie dans le boudoir* (MORAES, 1994, p. 177).

Segundo Eliane, o *boudoir* é a mínima unidade do espaço sadiano, é onde a luxúria se concentra, onde a libertinagem encontra sua síntese, é no *boudoir* que "os devassos realizam a intimidade libertina" (MORAES, 1994, p. 178), sem que sejam incomodados por nada nem ninguém: "Passemos então à alcova" – convida Saint-Ange – "onde estaremos mais à vontade. Já avisei os criados. Podes estar certa de que não seremos importunadas" (SADE, 1999, p. 24).

Sobre a origem do termo *boudoir*³², Eliane, apoiada em estudos de Yvon Belaval – autor de um Prefácio para a *La philosophie dans le boudoir*, editado pela Galimard – afirma:

Yvon Belaval observa que a palavra *boudoir*, assim como *ottomane*, que em Sade andam sempre juntas, são relativamente novas quando o marquês escreve *La philosophie dans le boudoir*, em 1795. Um de seus primeiros registros data de 1798, no *Voyage autour du monde* de Bouganville, numa passagem bastante significativa se associada a Sade: chegando ao Taiti o viajante avista 'uma montanha alta, íngreme e isolada' que resolve batizar com o nome de 'Le Boudoir', provavelmente

³² Eliane não utiliza o correspondente em português do *boudoir*, ou seja, a *alcova*, pois crê que esta tradução comporta sentido ambíguo. Nós, entretanto, optamos por utilizar o termo "alcova", por entendermos que sua tradução ilustra claramente este aposento sadiano, caracterizado por um "pequeno quarto de dormir, sem janela(s)", segundo *Dicionário Aurélio*. Ou ainda: "Aposento, recâmara, quarto de dormir", de origem árabe, aparece no século XVI no idioma português (conforme o Dicionário Melhoramentos Nova Fronteira). '1. Em casas antigas, pequeno quarto de dormir, ordinariamente sem janelas. 2. Quarto de dormir. 3. Esconderijo.'(conforme o Dicionário Melhoramentos da Língua Portuguesa)". Citados em nota por Eliane R. Moraes (1994, p. 179).

inspirado na fragata em que navegava, 'La Boudeuse'. Em 1787, a palavra já aparece ligada a conteúdos eróticos no *Manuel des boudoirs* ou *Essais érotiques sur les demoiselles d'Athènes*, escrito por Claude-François-Xavier Mercier de Compiègne. (...) Com efeito, a expressão 'quarto de dormir', segundo Pascal Dibie, também surge na segunda metade do século, para marcar uma das novas formas de organização do *habitat*. Por trás dessas palavras residem diferentes concepções de vida privada, e cada qual abriga uma utopia do homem íntimo (MORAES, 1994, p. 178-79).

A alcova é, conforme Eliane, um dos vários termos que o homem setecentista cria para ilustrar um tema fundamental para aquela sociedade, ou seja, a privacidade. Primeiramente, ela busca por privacidade, pelos espaços íntimos, onde reina o segredo, revelado na arquitetura:

Uma nova concepção de casa aparece para abrigar a família burguesa, enriquecida, exigindo maior conforto: surgem os cômodos especializados (salão, gabinete e quarto, separando as esferas mundana, profissional e familiar), isolados ademais por corredores, espaços de circulação interna que garantem a privacidade de seus moradores. Mas a intimidade também ganha espaço nas habitações da nobreza: se até o século XVII os castelos eram abertos ao movimento da criadagem e da clientela, os palácios setecentistas modificam suas plantas criando uma divisão em apartamentos independentes (MORAES, 1994, p. 179).

Eliane mostra que a alcova libertina é um lugar pequeno, privado e íntimo, mas cujas dimensões parecem ampliar-se indefinidamente. "Localizado entre o salão, onde reina a conversação, e o quarto, onde reina o amor, o boudoir [ou alcova] simboliza o lugar de união da filosofia e do erotismo" (BELAVAL *apud* MORAES, 1994, p. 195). A função dos espelhos na alcova destina-se a isso. Saint-Ange, a preceptora libertina elucida:

É para que, repetindo as atitudes em mil sentidos diversos, multipliquem ao infinito os mesmos gozos aos olhos daqueles que os desfrutam nesta otomana. Por este meio, nenhuma das partes de um ou outro corpo ficará velada: é preciso deixar tudo à vista; são tantos grupos reunidos em volta daqueles que o amor encadeia, tantos imitadores de seus prazeres, tantos quadros deliciosos com que sua lubricidade se embriaga e que servem em breve para completá-la (SADE, 1999, p. 31).

Sob os espelhos tudo é desvelado, tudo é visto; ninguém fica à parte nas cenas luxuriosas, uma vez que tudo e todos **são postos a nu**. O simbolismo do espelho está relacionado à ordem do conhecimento e à revelação da verdade e da sinceridade (Cf. CHEVALIER e GHEERBRANT, 1999).

Os espelhos alcoviteiros ampliam o reservado espaço e multiplicam as práticas lúbricas em infinitas ações, além de convergir todos os olhares para um mesmo ponto fixo:

Nós o encontramos num gabinete cercado de espelhos por todos os lados, dispostos de forma que todos davam de frente para um divã de veludo carmesim, colocado no meio. (...) O senhor percorre com os olhos os seus espelhos, que lhe devolvem quadros diversificados segundo os lados pelos quais os objetos são refletidos (ANÔNIMO, 1991, p. 128-30).

Com esse recurso *mimético* o libertino tem total controle da situação, não deixando parte alguma encoberta, ampliando todos os pontos de vista:

Nada se oculta à sua visão. Por isso, os espelhos sadianos não têm a função de abrir para um novo universo – como o espelho barroco, sinônimo de *psyché*, abre para os segredos da alma – mas justamente o contrário: fechar o sistema, sem que nada lhe falte, sem que nada lhe escape (MORAES, 1994, p. 196).

O *boudoir*, como diz Eliane, é um espaço de concentração da luxúria, síntese da libertinagem. Ele, assim, pode ser visto como uma *maquete* da utopia sadiana de transformação do mundo burguês. “É no interesse de que a sociedade inteira se transforme numa imensa alcova que Sade parece escrever. É aí que a educação deve começar, a religião ser combatida, a família arruinada” (BORGES, 1999, p. 218). É também lá que serão

(...) suscitados Suetônio, Nero, Maquiavel, Buffon, Alcebiades, Thomas Morus, César, Rousseau, Virgílio, Safo e tantos outros pensadores com os quais discute Dolmancé para justificar filosoficamente o crime, ora utilizando-os para adensar suas argumentações, ora reparando suas ideias, ou combatendo seus princípios, sem abrir mão, jamais, das luzes da razão. Lá o libertino colocará o mundo inteiro: a Grécia, a Turquia, o Império Romano, o Oriente, os longínquos reinos selvagens. O passado, o presente e o futuro. E, ao entrar nessa imensidão que é a alcova, Eugénie exclama: ‘Que delicioso ninho!’ (MORAES, 1994, 195).

Importante salientar que o aposento (*boudoir*) ilustrado n’*A filosofia na alcova*, sob muitos aspectos, assemelha-se ao lar, contendo elementos típicos desse ambiente:

(...) o leito, mas substituído pela otomana, objeto emblemático da volúpia; a educação, expressa na rigorosa conjugação de teoria e prática que orienta a atividade dos preceptores libertinos; as crianças, no elogio ao infanticídio; e, finalmente, a mãe e o pai, que se revelam no incesto, no matricídio, no parricídio. Por meio de uma troca de sinais, o *boudoir*

projeta a face noturna da família, dá-lhe segredos inconfessáveis, ao mesmo tempo em que descortina por completo o que há de mais oculto nela: o sexo. Nesse sentido, a alcova é o lar pelo avesso (MORAES, 2011, p. 17).

A alcova é, pois, o *topós* em que serão praticadas todas as paixões libertinas. É único local possível para o *êthos* sadiano.

Essa imagem da alcova pode ser pensada no sentido análogo ao porão dos castelos, dada sua descrição, de um local com recursos para as atividades libertinas ali concretizadas.

Na vida real, assim como nos contos e nos sonhos, em geral o castelo está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá a impressão de segurança (como a casa, geralmente), mas de uma segurança no mais alto grau. É um símbolo de **proteção** [e poder] (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1999, p. 199).

Contudo, sua localização permite certo isolamento em meio aos campos, bosques e colinas, ficando assim sob a proteção da natureza, essa que Sade defende, como possibilidade de enfrentamento de qualquer adversidade e também de entrega à lassidão. “E o que ele encerra, separado assim do resto do mundo, adquire um aspecto longínquo, tão inacessível quanto desejável. Por isso o castelo figura entre os símbolos da transcendência” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1999, p. 199).

Para Chevalier e Gheerbrant, a simbologia do castelo está sob a **conjunção dos desejos**. Pode-se chamar aqui pelo símbolo do **castelo negro** aquele que representa o castelo perdido, o desejo de permanecer como o eterno insaciado e eterno iniciado, cuja imagem do **inferno**, não lhe possibilita nenhuma esperança, retorno ou mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simone de Beauvoir assevera que “Sade fez do erotismo o sentido e a expressão de toda sua existência” (1955, p. 10), Alexandrian diz que “os romances de Sade são romances eróticos, escritos para saciar sua excitação sexual furiosa e comunicá-la eventualmente a outrem” (1993, p. 9) e o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz afirma que a obra sadiana estaria *para além do erótico*. Mas o que é o erotismo?

O erotismo é imaginário: é um disparo da imaginação frente ao mundo exterior. O que é disparado é o próprio homem, ao alcance de sua imagem, ao alcance de si próprio. Criação, invenção – nada mais real do que este corpo que imagino; nada menos real do que este corpo que toco e se desmorona em um monte de sal ou se desvanece em fumaça. Com essa fumaça meu desejo inventará outro corpo. O erotismo é a experiência da vida plena, pois nos aparece como um todo palpável, no qual penetramos também como uma totalidade; ao mesmo tempo, é a vida vazia, que olha a si mesma no espelho, que se representa. Imita e se inventa; inventa e se imita. Experiência total e que jamais se realiza de todo porque sua essência consiste em ser sempre *um mais além* (PAZ, 1999, p. 34).

É sempre *além* por não permitir se reduzir a um princípio. O erotismo é distinto da sexualidade: “O erotismo é desejo sexual e alguma coisa mais; esse algo mais é o que constitui sua própria essência” (PAZ, 1999, p. 22). Esse *algo* se apropria da sexualidade, que é um princípio natural, mas também a desnaturaliza.

Percepção díspar encontramos em Roland Barthes (1971), em que o erotismo nunca é mais do que uma palavra, pois que as práticas só podem ser codificadas se forem conhecidas, isto é, faladas. Nossa sociedade jamais enuncia qualquer prática erótica, somente desejos, preâmbulos, contextos, sugestões, sublimações ambíguas, de maneira que para nós o erotismo não pode ser definido a não ser por uma palavra perpetuamente alusiva. Segundo este ponto de vista, Sade não é erótico, afirma Barthes, pois não há na obra sadiana *strip-tease* de espécie alguma, o *strip-tease* é o apólogo [fábula] essencial do erotismo moderno. Segundo Barthes:

É de modo totalmente indevido e por uma enorme presunção que a nossa sociedade fala do erotismo de Sade, isto é, de um sistema que não tem nela nenhum equivalente. A diferença não está em ser a erótica sadiana criminosa e a nossa inofensiva, mas em ser a primeira assertiva,

combinatória, ao passo que a Segunda é sugestiva, metafórica. Para Sade, só há erotismo se se '*raciocina sobre o crime*', *raciocinar* quer dizer filosofar, dissertar, arengar, enfim submeter o crime (termo genérico que designa todas as paixões sadianas) ao sistema da linguagem articulada; mas isso também quer dizer combinar segundo regras precisas as ações específicas da luxúria, de maneira a fazer dessas sequências e agrupamentos de ações uma nova 'língua', não falada, mas agida; a 'língua' do crime, ou novo código de amor, tão elaborado quanto o código cortês (1971, p. 28-29).

Conforme Barthes, o crime sadiano só existe na proporção da quantidade de linguagem que nele se investe, de modo nenhum por ser ele sonhado ou contado, mas porque só a linguagem pode construí-lo. Sade enuncia em dado momento: "Para reunir o incesto, o adultério, a sodomia e o sacrilégio, ele enraba a sua filha casada com uma hóstia" (BARTHES, 1971, p.34). É a nomenclatura que permite a concisão parental: do enunciado simplesmente verificativo projeta-se a árvore do crime, afirma o autor. "É pois, em última análise, a escritura de Sade que suporta todo Sade" (p.34).

Segundo o semiólogo, a lei - e muitos leitores - tenta interditar Sade por razões morais, caracterizando-o como um autor abominável. Mas somente o condena quem se recusa a entrar em seu universo, que é o universo do *discurso*.

Em cada página de sua obra, Sade nos dá provas de "irrealismo" arranjado: o que se passa num romance de Sade é propriamente fabuloso, isto é, impossível; ou, mais exatamente, as impossibilidades do referente são convertidas em possibilidades do discurso, as limitações são deslocadas: o referente fica, inteiramente, por conta da descrição de Sade, que pode dar-lhe, como todo contador de histórias, dimensões fabulosas, mas o signo, pertencendo à ordem do discurso, é intratável, ele é que faz a lei. Diz Barthes:

Juliette, soberba e franca no mundo, suave e submissa nos prazeres, seduz enormemente; mas quem me seduz é a Juliette de papel, a historiadora que se faz sujeito do discurso, não sujeito da "realidade". Diante dos excessos da Durand, Juliette e Clairwil tem esta palavra profunda: 'Você tem medo de mim? - Medo! Não: mas nós não a concebemos'. Inconcebível *na* realidade, fosse ela imaginária, a Durand (como Juliette) passa a sê-lo logo que deixa a instância do caso para atingir a instância do discurso. A função do discurso não é, de fato, provocar medo, vergonha, inveja, impressão etc., mas conceber o inconcebível, isto é, nada deixar fora da palavra e não conceder ao mundo nenhum inefável: aí está, ao que parece, a palavra de ordem que se repete ao longo de toda a cidade sadiana, da Bastilha, onde Sade só existiu pela palavra, ao Castelo de Silling, santuário, não da devassidão, mas da 'história' (1971, p. 37).

Seguindo esse raciocínio de Roland Barthes (1971), se considerarmos todo o jogo de sedução que é necessário para constituir o elemento erótico, Sade, apresenta-se de forma oposta: não é um escritor erótico se pensarmos, por exemplo, em um filme pornográfico. O erotismo sadiano está fundamentado não na exibição direta do ato em si, mas sugerido através da fronteira entre palavra e sexo, fronteira essa que está excluída de nossa comunicação cotidiana e só é reincorporada à nossa linguagem diária quando se quer causar incômodo. Os libertinos de Sade, portanto, realizam a síntese, unindo as duas linguagens, determinando o erotismo por meio da palavra.

De certo que não o strip-tease das personagens sadianas no sentido barthesiano, ele unicamente as desnuda, não deixando nada encoberto, contudo, há em Sade um ocultamento no discurso:

Haverá provavelmente muita arte em deixar assim cenas sob o véu. Mas quantos leitores ávidos e insatisfeitos não desejariam que lhes contássemos tudo! Ai! bom Deus! se os satisfizéssemos, o que então lhes restaria a imaginar? (SADE, 1988, p. 131).

Assim entendido, o erotismo sadiano estaria em velar as cenas e não os corpos de suas personagens, seu erotismo está em seu discurso, na palavra velada.

Sade vislumbra a possibilidade de “desenclausurar-se” transformando a essência do vivido em matéria textual, garantindo liberdade aos excessos de sua imaginação e realizando na literatura as mais estranhas exigências que o atormentavam.

O mundo de Sade é plenamente possível na literatura. “Sade realiza na literatura uma ficção absoluta do eu, produzindo uma outra felicidade para o homem íntimo, construindo para ele um lugar onde tudo é suprido, onde não há amor nem fome, signos da falta” (MORAES, 1994, p. 208).

Arte e utopia sob o signo da crueldade constituem-se como um retrato do mundo às avessas, nesse mundo idealizado e criado imaginativamente, o crime torna-se lei porque é assim que se renova a natureza. Um mundo sem Deus e

consequentemente, sem qualquer justificativa para a moralidade, ou filosofia política.

Para ele, tratava-se de “revelar a verdade por completo”, o que implicava abrir mão de todo e qualquer preconceito para ampliar as possibilidades de entendimento do homem, levando em conta suas fantasias mais secretas, cruéis e inconfessáveis. “A filosofia deve dizer tudo”, reitera a personagem principal de *Histoire de Juliette* (MORAES, 2011, p. 151).

Seu sonho distorcido, sua imaginação panfletária, viril, potente e profundamente fértil é também uma forma de posicionamento crítico aos valores da sociedade e da aristocracia francesa, sendo realizada através da linguagem, da violência com a linguagem, numa tentativa de alcançar o domínio estético, como algo bem mais atraente e fascinante, apesar de sua face disforme, horrível, do que seu sistema filosófico disjuntivo, enigmático. Não sem mérito, Sade é considerado um dos maiores livres-pensadores do seu tempo. E nas palavras do poeta Apollinaire “o espírito mais livre que jamais existiu no mundo” (MORAES, 2011, p. 114).

Em suma, em todos os grandes temas da Ilustração, Sade é aliado, e também, adversário dos filósofos, da moral cristã, dos valores e dos bons costumes, crítico de uma moral de vanguarda, espezinhador dos disfarces dos reprimidos e também dos repressores da sociedade.

Seu combate parece ser o mesmo dos grandes filósofos, porque está a favor da descristianização, da implantação de uma moralidade secular baseada na natureza e na utilidade, do estabelecimento de um Estado livre, da redução das desigualdades sociais, da emancipação da mulher, mas também parece que defende o contrário de tudo isso, porque ao mesmo tempo, ele sabota esse combate, solapando, pela hipérbole, pela inversão e pela paródia, todos os ideais das Luzes.

Valendo-se de uma estratégia de contraste, Sade provoca uma metamorfose da igualdade em castas e da liberdade em predomínio.

Enfim, ele parodia alguns dos temas mais importantes da Ilustração, desmoralizando-os. Ele parodia o ideal pedagógico da Ilustração, cristalizado em livros como o *Emile*, escrevendo não “romances de formação” inofensivos, do gênero de *L'éducation de Laure*, em que se tratava simplesmente de educar uma jovem para os prazeres de uma sexualidade livre, mas verdadeiros *Bildungsromane* do crime, como *La*

philosophie dans le boudoir e Juliette, em que as discípulas são educadas para a crueldade e para o assassinato. (ROUANET, 1996, p.190-191).

Por isso, nas palavras de Camille Paglia (1992, p. 222): “Nenhuma educação sobre a tradição ocidental está completa sem Sade. Deve-se enfrentá-lo, em toda sua feiura”. Pois, o que determina “o supremo valor de seu testemunho é que ele nos inquieta. Obriga-nos a examinar de novo o problema essencial que, sob outras figuras, obseda nosso tempo: a verdadeira relação do homem com o homem” (BEAUVOIR, 1955, p. 37).

E, sem julgamentos, condenação ou absolvição, cerramos as cortinas ouvindo a voz de Marquês ao fundo: “Só me dirijo às pessoas capazes de me entender, e essas poderão ler-me sem perigo. Mate-me novamente ou aceite-me como eu sou, porque eu não mudarei. A minha maneira de pensar, você diz, não pode ser aprovada. E que me importa? Bem idiota é aquele que adota uma maneira de pensar para os outros! Não foi a minha maneira de pensar que provocou a minha desgraça. Foi a maneira de pensar dos outros”.

NOTA CRONOLÓGICA E BIOGRÁFICA: Sade³³

- 1740 – Nasce, a 2 de junho, Donatien-Alphonse-François, o marquês de Sade, em Paris.
- 1744 – Donatien é enviado à Provença onde é educado primeiramente por suas tias e depois pelo tio, o abade de Sade, erudito e libertino.
- 1746 – Diderot publica seus *Pensamentos filosóficos* e assume a direção da *Enciclopédia*.
- 1751 – A *Enciclopédia* começa a ser publicada.
- 1755 – O marquês é nomeado alferes de infantaria junto à casa do rei.
- 1756 – Tem início a “guerra dos sete anos”. Durante a campanha, o jovem oficial Sade é beneficiado com várias promoções. Começam suas primeiras ações como libertino.
- 1763 – Fim da “guerra dos sete anos” com o tratado de Paris. Sade é reformado como capitão da cavalaria. Ligação com a senhorita de Lauris, de uma antiga casa da nobreza provençal. Casa-se a contragosto, a 17 de maio, com Renée-Plélagie de Montreuil, uma jovem rica oriunda da aristocracia inferior. Ações de libertinagem em Paris. Sade é encarcerado em Vincennes, a 19 de outubro, uma *lettre de cachet* (ordem de prisão com o selo real) e solto a 13 de novembro.
- 1764 – Voltaire publica o *Dicionário filosófico*. Sade se relaciona com a senhorita Colet, atriz do Teatro Italiano, e com diversas prostitutas de Paris.
- 1766 – Várias relações com prostitutas e atrizes.
- 1767 – Nascimento do primeiro filho do marquês, Louis-Marie, a 27 de outubro.
- 1768 – A França adquire a Córsega um ano antes do nascimento de Napoleão Bonaparte. A 3 de abril, o primeiro grande escândalo do marquês: flagela em Arcueil, num domingo de Páscoa, uma jovem mendiga, Rose Keller, que consegue fugir e denunciá-lo. A 8 de abril, é encarcerado com Saumur, a despeito dos apelos da mulher Renée e da insistência da vítima do processo. É transferido em seguida para Pierre-Enclise, perto de Lyon. A 10 de junho é processado em Paris e condenado a pagar multa de cem libras. A 16 de novembro é solto por ordem do rei.
- 1769 – Nasce a 27 de junho o segundo filho do marquês. Viagem aos Países Baixos. Redige uma *Viagem a Holanda, em forma de cartas*.
- 1770 – D’Holbach publica sob o nome falso de Mirabaud o Sistema da Natureza, obra que terá grande influência no pensamento sadiano. Retoma seu trabalho como capitão-comandante.
- 1771 – Nasce, a 17 de abril, Madeleine-Laure, filha do marquês. Nova prisão, em agosto, por causa de dívidas.
- 1772 – Ligação de Sade com a cunhada. Orgia em Marselha, a 27 de junho, juntamente com seu criado e quatro mulheres. As mulheres, obrigadas a ingerir bombons de anis contaminados por cantáridas, como “afrodisíaco” e

³³ Utilizamos aqui a Cronologia compilada por Augusto Contador Borges (1999, p. 247 – 251).

“para fazê-las peidar”, segundo o marquês, sentiram-se mal e deram queixa, o que lhe valeu nova condenação, desta vez “à morte por contumácia”, pena que equivalia a uma grande desonra e cuja execução foi “em effigie”. Tratava-se na verdade de uma representação grosseira, mediante um quadro ou boneco do condenado a quem se fazia experimentar a pena pronunciada. Tinha ao menos dois objetivos: imprimir uma maior ignomínia ao acusado e inspirar no povo, por tal aparelho, maior horror pelo crime. O marquês e seu criado, por terem cometido crimes de libertinagem, algolagnia, sodomia e envenenamento foram assim “queimados” em praça pública.

1774 – Morte de Luís XV.

1775 – Uma criada dá à luz uma filha do marquês: novo risco de escândalo, que a família procura abafar. Sade foge para a Itália e só retorna no ano seguinte para seu castelo de Lacoste.

1777 – É encarcerado novamente em Vincennes, por uma *lettre de cachet* emitida pelo rei por insistência da sogra, visando preservar a honra da família Sade-Montreuil de suas afrontas.

1778 – Morte de Rousseau e de Voltaire. Durante uma transferência a Paris, Sade foge, e após 39 dias em liberdade é preso em Lacoste. A 7 de setembro retorna ao torreão de Vincennes, onde ficará cinco anos e meio. Inicia sua obra literária.

1782 – Chardel de Laclos publica *As relações perigosas*. Sade redige o *Diálogo entre um padre e um moribundo* e começa os *120 dias de Sodoma*.

1784 – É conduzido à Bastilha, onde permanece até a Revolução de 89.

1786 – Começa a redigir *Aline e Valcour*.

1787 – Problemas de saúde. Escreve *Os infortúnios da virtude*, em dezesseis dias.

1788 – Convocação dos Estados Gerais. Publicação dos dois últimos livros das *Confissões*, de Rousseau. Morte de Buffon, naturalista que Sade admirava. Redige *Eugénie de Franval* e conclui *Aline e Valcour ou romance filosófico*.

1789 – Reunião dos Estados Gerais que se tornam Assembleia Constituinte. A 4 de julho, Sade é transferido da Bastilha para Charenton. Permanece nove meses em Charenton. 14 de julho: Queda da Bastilha. A 4 de agosto, dá-se a abolição dos privilégios. Declaração dos Direitos do Homem.

1790 – A Assembleia Constituinte abole as “lettres de cachets”. Sade é libertado a 2 de abril. A 9 de junho, a senhora de Sade obtém o divórcio. Sade torna-se “cidadão ativo” da futura seção de Piques a 1 de julho. Tem início, a 25 de agosto, sua relação com Marie-Constance Quesnet, a “sensível”. Aceita várias encomendas de peças para os teatros parisienses.

1791 – Fuga de Luís XVI, destituído de suas funções. Reunião da Assembleia Legislativa. Sade passa a viver com a senhora Quesnet. Primeira edição de *Justine ou os infortúnios da virtude*. Em outubro e novembro, faz sucesso com a peça *O Conde Oxtiern ou as desgraças da libertinagem*.

1792 – Em setembro, o castelo de Lacoste é saqueado. Em outubro, Sade é nomeado comissário da seção de Piques.

- 1793 – 21 de janeiro: execução de Luís XVI. Instaure-se a fase do “Terror”. Em julho, o “cidadão” de Sade torna-se o presidente da seção de Piques. Ele risca os Montreuil da lista dos suspeitos. A 29 de setembro, pronuncia um *Discurso às almas de Marat e de Le Pelletier*, ambos “mártires da liberdade”. A 8 de dezembro, nova detenção de Sade, acusado de “moderado”. É sucessivamente encarcerado nas Madelonnetes, nos Carmes, em Saint-Lazare e em Picpus.
- 1794 – Sade é condenado à morte, a 27 de julho. Robespierre, Saint-Just e outros são executados a 28 de julho. 15 de outubro: Sade é liberado.
- 1795 – Agosto: publicação de *Aline e Valcour* e da *A filosofia na alcova*.
- 1797 – Publicação de *A nova Justine ou os infortúnios da Virtude*, seguida da *História de Juliette*, sua irmã. Viagem de Sade a Provença. Problemas financeiros e jurídicos.
- 1799 – Sade vive na miséria, trabalhando como empregado no espetáculo de Versalhes.
- 1800 – Publicação dos *Crimes do amor, precedidos de uma ideia sobre os romances*.
- 1801 – 6 de março: detenção de Sade como autor de obras pornográficas. É encarcerado em Sainte-Pélagie.
- 1802 – 14 de março: após tentar seduzir jovens detentos, Sade é transferido de Sainte-Pélagie para Bicêtre. Finalmente, a 27 de abril, é enviado ao Hospício de Charenton. Inicia *Jornadas de Florbelle ou a natureza desvelada*.
- 1805 – Sade auxilia na missa de Páscoa, em Charenton.
- 1806 – Morte de Restiff de La Bretonne. Sade redige seu testamento.
- 1807 – Conclui, em abril, as *Jornadas de Florbelle*. A 5 de junho, tem seus manuscritos apreendidos e destruídos pela polícia.
- 1808 – Sade organiza um teatro com os detentos de Charenton.
- 1809 – Morre seu filho mais velho.
- 1810 – Morre, a 7 de julho, Renée-Pélagie, a marquesa de Sade.
- 1812 – Sade redige *Adelaide de Brunswick, princesa da Saxônia*.
- 1813 – Escreve *A história secreta de Isabelle da Baviera*, e publica *A marquesa de Gange*.
- 1814 – Abdicação de Napoleão e retorno de Luís XVIII. O novo diretor do hospício pede transferência do marquês. Morre Donatien-Alphonse-François de Sade, a 2 de dezembro. Apesar de suas disposições testamentais, é sepultado religiosamente no cemitério do hospício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Sade

SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova**: ou, Os Preceptores Imorais. Tradução, posfácio e notas de Augusto Contador Borges; SP: Editora Iluminuras, 1999.

_____. **A Verdade**: e outros textos. Lisboa: Antígona, 1989.

_____. **Cartas de Vincennes**: um libertino na prisão. Tradução e organização de Gabriel Giannattasio. Londrina: EDUEL, 2009.

_____. **Ciranda dos libertinos**. Organização, tradução e posfácio de L. A. Contador Borges; SP: Max Limonad, 1988.

_____. **Contos libertinos**. Organização de Plínio A. Coelho. SP: Imaginário, 1997.

_____. **Diálogo entre um padre e um moribundo**: e outras diatribes e Blasfêmias. Trad. Alain François e Contador Borges; SP: Editora Iluminuras, 2001.

_____. **Escritos filosóficos e políticos**. Venda Nova: M. Rodrigues, 1971.

_____. **Justine**: ou os Infortúnios da Virtude. Trad. Adelino Rodrigues. Portugal: Publicações Europa-américa, 1998.

_____. **O marido complacente**: Historietas, contos e exemplos. Trad. Paulo H. Filho; Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. **O presidente ludibriado**. RJ: Primeira Linha, 1999.

_____. **Os 120 dias de Sodoma**: ou a escola da libertinagem. Tradução e notas Alain François. SP: iluminuras, 2011.

_____. **Os crimes do amor**: e A arte de escrever ao gosto do público. Porto Alegre: L&PM, 1991.

_____. **Os infortúnios da virtude**. Trad. Celso Mauro Paciornik. SP: Iluminuras, 2008.

Outras obras

ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Trad. Ana Maria Scherer e José L. de Mello; RJ: Rocco, 1993.

ANÔNIMO do Século XVIII. **Teresa filósofa**. Trad. Maria C. C. Gomes; Porto Alegre: LP&M, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. SP: Martins Fontes, 1990a.

_____. **O ar e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação do movimento. SP: Martins Fontes, 1990b.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier e Loyola**. SP: Brasiliense, 1971.

BEAUVOIR, Simone. **Deve-se queimar Sade?** 1955. Disponível em: <<http://www.bergfiles.com/i/bf59ab324dh17i0>>. Acesso em 12/10/2012.

BONNARD, Silvestre. **Do Marquês de Sade a Restif de la Bretonne**. In: LA BRETONNE, Restif de. *Anti-Justine*. Trad. Marina Appenzeller; Porto Alegre: L&PM, 1991.

BORGES, Augusto Contador. **A revolução da palavra libertina**. In: SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova*. SP: Editora Iluminuras, 1999.

_____. **Sade e a revolução dos espíritos**. In: SADE, Marquês de. *Ciranda dos libertinos*. Trad. Contador Borges; SP: Max Limonad, 1988.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Volume 1. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 13. ed. RJ: José Olympio, 1999.

DADOUN, Roger. **A violência**: ensaio acerca do *homo violens*. RJ: DIFEL, 1998.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos**: da França pré-revolucionária. SP: Companhia das Letras, 1998.

DARNTON, Robert. **Sexo dá o que pensar**. In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. SP: Martins Fontes, 1997.

GIACÓIA Jr., Oswaldo. **Sade e Nietzsche**: as vertigens da consciência moral. In: _____. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

GIANNATTASIO, Gabriel. **Sade**: Um anjo negro da modernidade. SP: Imaginário, 2000.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se leem com uma só mão**: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. Trad. Maria Ap. Corrêa; SP: Discurso Editorial, 2000.

KEHL, Maria Rita. Cinco propostas sobre a filosofia libertina e uma sobre assédio sexual. In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Sade meu próximo**. SP: Brasiliense, 1985.

LA BRETONNE, Restif de. **Anti-Justine**. Trad. Marina Appenzeller; Porto Alegre: L&PM, 1991.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 15, agosto 2011, quadrimestral. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/285>>. Acesso em 05/10/2012.

MONZANI, Luiz Roberto. Origens do discurso libertino. In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, Eliane Robert. **Lições de Sade**: ensaios sobre a imaginação libertina. SP: Iluminuras, 2011.

_____. **Marquês de Sade**: um Libertino no Salão dos Filósofos. SP: EDUC-SP, 1992.

_____. **Sade**: a felicidade libertina. RJ: Imago, 1994.

_____. Um outro Sade. In: SADE, Marquês de. **Os crimes do amor**: e A arte de escrever ao gosto do público. Porto Alegre: L&PM, 1991.

NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

NOVAES, Adauto (org.). **O desejo**. SP: Companhia das Letras, 1990.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais**: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Trad. Marcos Santarrita; SP: Companhia das Letras, 1992.

PAZ, Octavio. **Um mais além erótico**: Sade. trad. Wladir Dupont; SP: Mandarin, 1999.

PEIXOTO, Fernando. **Sade**: Vida e Obra. RJ: Ed. Paz e Terra S.A., 1979.

PRADO Jr., Bento. A filosofia das Luzes e as metamorfoses do espírito libertino . In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

REALE, Giovanni & ANTISIERI, Dario. **História da Filosofia: do Humanismo a Kant**. SP: Paulus, 1990.

RIBEIRO, Renato Janine. Apresentação. In: MORAES, Eliane Robert. **Sade: a felicidade libertina**. RJ: Imago, 1994.

ROUANET, Sergio Paulo. O desejo libertino entre o Iluminismo e o Contra-Iluminismo. In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Taitson A. L. dos. **A filosofia do divino Marquês**. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=1223&cat=Ensaios&vinda=>>>. Acesso em: 03/10/2012.

_____. **Espelhos e sombras: a ética libertina nas alcovas sadianas**. 2001. 46 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) UNIMEP. Piracicaba, 2001.

_____. Os valores naturais sadianos. In: **Revista Urutágua**. Ano I - Nº 04 – Maio de 2002 – Quadrimestral - Maringá - PR – Brasil. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br//04fil_santos.htm>. Acesso em: 03/10/2012.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Cecília Meireles: imaginário, poesia e educação**. SP: Terceira Margem, 2011.

SHATTUCK, Roger. **Conhecimento proibido: de Prometeu à pornografia**. Trad. S. Duarte; SP: Companhia das Letras, 1998.

SOLLERS, Philippe. **Sade contra o ser supremo**. Trad. Luciano Machado. SP: Estação Liberdade, 2001.

TROUSSON, Raymond. Romance e libertinagem no século XVIII na França. In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. SP: Companhia das Letras, 1996.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. SP: Loyola, 2007.

WUNENBURGER, Jean-Jacques e ARAÚJO, Alberto Filipe. Introdução ao imaginário. In: ARAÚJO, Alberto Filipe e BAPTISTA, Fernando Paulo (coord.). **Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.